



**Universidade de Brasília**  
Instituto de Ciências Humanas - IH  
Departamento de Serviço Social - SER  
Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

**Teatro do Oprimido e o Serviço Social: desvelando os bastidores**

ANA CLARA ABREU DA SILVA



**Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Karen Santana de Almeida Vieira**

Brasília/DF  
2015

**Ana Clara Abreu da Silva**

**Teatro do Oprimido e o Serviço social: desvelando os bastidores**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, como requisito essencial para a formação no curso de Serviço Social.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Karen Santana de Almeida Vieira

Brasília/DF  
2015

Ana Clara Abreu da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Serviço Social da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Santana de Almeida Vieira (SER/UnB)

---

Professora MSc.. Lucélia Luiz Pereira (Membro do SER/UnB)

---

Prof.<sup>a</sup> MSc Jamila Zgiet Rodrigues Santos (Membro externo ao SER/UnB)

Brasília/DF  
2015

*Dedico este trabalho àqueles que nos ensinam  
e nos ensinaram a arte da vida em toda sua simplicidade, criatividade e beleza.*

*Em memória do meu querido Caroco – César Maio Gonçalves da Silva.*

## AGRADECIMENTOS

Muitas vezes somos incompreendidos enquanto traçamos nossos caminhos e firmamos nossas escolhas, então agradeço primeiro aos meus pais que, mesmo sem entender meus passos e até receosos sobre o caminho que escolhi, permaneceram firmes ao meu lado, sempre. Amor e gratidão como a que tenho por vocês não conseguem ser expressos por palavras. São vocês que me dão força, que são meus maiores exemplos. À minha maneira, me esforçarei para ser sempre motivo de felicidade e orgulho, como os dois são para mim.

Agradeço aos meus queridos irmãos: ao Vítor, irmão mais velho, por ser um exemplo, por levantar minha cabeça, abrir meus olhos e colocar meus pés no chão, quando eu estava sem direção; à Luciana, minha irmã, companheira de farra, de luta, que sempre apoiou minhas decisões (até quando elas não pareciam tão espertas); ao Lúcio, Luckzinho, que me deu forças com seu sorriso e não me deixou perder meu lado lúdico. Vocês são os melhores irmãos que alguém poderia ter.

Não poderia deixar de agradecer a família que escolhi e a que Deus escolheu para mim - meus amigos e minha família. Aqui deveria citar tantos nomes, foram tantos os que me fizeram a diferença que mal posso contar. Apenas agradeço pelos risos, pelas lágrimas, pelos sonhos compartilhados, pelos planos, pelas histórias que contamos e vivemos.

Minha eterna gratidão para Penélope Trannin Melo, Pepê, que além de amiga para todos os momentos desde sempre, acompanhou passo a passo deste TCC, me deu dicas, sofreu comigo, me alegrou, me deu forças, comida, amor, broncas, risos, lágrimas. Minha flor, obrigada. Da mesma forma agradeço à Luíza Lopes Lacerda, que nunca me deixou desistir de tentar mudar o mundo, que me apoiou quando decidi começar o curso de Serviço Social, que estejamos juntas em todas as lutas. Que nós três ainda passemos muitos carnavais juntas.

Comecei o curso de Serviço Social com o apoio dos olhos castanhos mais lindos que eu já vi, assim que passei no vestibular, a minha felicidade parecida dele e dessa forma ele acompanhou minha formação, por vezes ao meu lado, por vezes distante. Rodrigo – Don -, obrigada por me fazer persistir nos meus sonhos, por me ensinar a não me levar tão a sério, por me mostrar como a unir o útil ao agradável e me ensinar a ver saídas para os meus problemas. Mais que tudo isso, obrigada pelas gotas de ternura.

Obrigada especialmente à minha orientadora, Karen, que em meio todas as dificuldades dos últimos semestres me acolheu como orientanda. Obrigada por escolher me guiar nesse tema tão caro ao Serviço Social, pelo suporte, paciência e dedicação. Foi uma honra poder traçar este trabalho tendo-a como orientadora.

A todos citados (e àqueles que não foram nomeados) meu amor e minha gratidão. São vocês os responsáveis pelo que eu sou hoje. Como nos vãos das palavras cabem mais sentimentos e agradecimentos do que no vocabulário inteiro, apenas, mais uma vez..

Obrigada!

## RESUMO

Diante da constatação de Santos (2006) de que é necessário reforçar o acervo profissional sobre os instrumentais e da visão de Scherer (2010) de que as artes, em especial o teatro, são capazes de possibilitar autonomia para seguimentos fragilizados e servir como um instrumental efetivo para o Serviço Social, este Trabalho de Conclusão de Curso se aproxima do Teatro do Oprimido (criado pelo teatrólogo Augusto Boal) para responder a seguinte questão: quais são os limites e as possibilidades do Teatro do Oprimido como instrumental técnico operativo para o Serviço Social?

Dessa forma, o presente trabalho visa analisar os limites e as possibilidades da referida questão-problema a partir de uma pesquisa qualitativa com análise bibliográfica que foi realizada por meio de sites acadêmicos previamente selecionados, e contou com seleção das palavras a seguir para constituir a busca: “Serviço Social”, “Boal”, “Teatro do Oprimido”, “Teatro”, “Instrumental” e “Arte”.

Foi construída, assim, uma lista com 12 trabalhos acadêmicos que unem o Serviço Social com o Teatro do Oprimido. Com a análise dos dados foi possível observar o público alvo alcançado pelo instrumental em questão, as áreas de atuação profissional que se valem do instrumental, os locais onde foram encontrados estudos sobre o tema a partir da pesquisa já citada e os limites e possibilidades encontrados a partir da utilização do Teatro do Oprimido como instrumento técnico operativo profissional, pelos profissionais assistentes sociais. Dentre os resultados pode-se mencionar o fortalecimento da autonomia do público alvo com o uso desse instrumental, a democratização de direitos e informações a partir da interlocução dos próprios usuários, o desafio de uma articulação de redes entre os profissionais e o desafio da construção e da sensibilização do público alvo e da equipe técnica para o uso do instrumental na perspectiva de fortalecimento da educação para a cidadania, e fortalecimento do oprimido para a identificação e o enfrentamento de seus opressores.

Palavras-Chave: Serviço Social; Instrumental; Assistente Social; Teatro; Teatro do Oprimido; Augusto Boal.

## Abstract

Faced with the realization Santos (2006) of the need to strengthen the professional collection of instrumental and Scherer's view (2010) that the arts, especially the theater, are capable of providing autonomy to vulnerable segments and serve as an instrumental effective for social work, this work completion of course approaches the Theatre of the Oppressed (created by playwright Augusto Boal) to answer the question: what are the limits and possibilities of the Oppressed Theatre as operating technical instrumental to social work ?

This study aims to analyze the limits and possibilities of that question-problem from a qualitative survey of literature review that was carried out through academic sites previously selected and featured selection of the following words to constitute the search "Social Service", "Boal", "Theatre of the Oppressed", "Theatre", "Instrumental" and "Art".

It was built as well, a list of 12 academic works that unite social work with Theatre of the Oppressed. With data analysis we observed the target audience reached by instrumental concerned, the areas of professional activities which use the instrumental, the places where studies were found on the subject from the research cited above and the limits and possibilities found at from the use of the Oppressed Theatre operating as a professional technical instrument, by professional social workers. Among the results can be mentioned strengthening the autonomy of the target audience with the use of this instrument, the democratic rights and information from the dialogue of the users themselves, the challenge of a joint network between professionals and the challenge of building and awareness of the target audience and the technical team for using instrumental in strengthening the perspective of education for citizenship, and strengthening of the oppressed to identify and confront their oppressors.

Keywords: Social Work; Instrumental; Social Worker; Theater; Theatre of the Oppressed; Augusto Boal.



LISTA DE TABELAS:

**Tabela 1:** Lista de trabalhos acadêmicos acerca do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social, segundo ano de publicação.....46

**Tabela 2:** Lista de limites e possibilidades encontrados ao longo da pesquisa bibliográfica..57

LISTA DE MAPAS:

**Mapa 1:** Registros de estudos de obras acadêmicas encontrados do método de Boal utilizado como instrumental para o Serviço Social, segundo Estados brasileiros.....49

## LISTA DE GRÁFICOS

**Gráfico 1** Utilização do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social segundo o espaço sócio-ocupacional.....53.

**Gráfico 2:** Relação do público alvo das atuação do assistente social a partir do Teatro do Oprimido.....55

## LISTA DE FIGURAS

Máscaras de teatro. Disponível em:< [www.novidadediaria.com.br](http://www.novidadediaria.com.br)> Acesso em 27 de Junho de 2015.....Capa

**Figura 1:** Árvore do Teatro do Oprimido.....37

## LISTA DE SIGLAS

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

CRAS- Centro de Referência de Assistência Social

PAIF- grupo de Proteção e Atendimento Integral para as Famílias

BDM- Biblioteca Digital de Monografias

CFESS - Conselho Federal de Serviço Social

PUC-SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

CTO-Rio – Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro

UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

UnB – Universidade de Brasília

ENAPET - Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial

OnG – Organização não-governamental

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>15</b>
<b>CAPÍTULO I: INSTRUMENTAIS TÉCNICO OPERATIVOS, SERVIÇO SOCIAL E O TEATRO: É POSSÍVEL UMA ARTICULAÇÃO?</b> .....	<b>20</b>
1.1 - INSTRUMENTAIS TÉCNICO OPERATIVOS E SERVIÇO SOCIAL, CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL .....	21
1.2 - ARTE, TEATRO E SERVIÇO SOCIAL .....	23
<b>CAPÍTULO II: O TEATRO DO OPRIMIDO: SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES PARA ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL A PARTIR DA ANÁLISE DA OBRA DE AUGUSTO BOAL</b> .....	<b>30</b>
2.1 - AUGUSTO BOAL E O TEATRO DO OPRIMIDO .....	31
2.2 - O TEATRO DO OPRIMIDO SIGNIFICADOS, VARIANTES E IMPACTOS DA SUA APLICAÇÃO.....	35
2.3 - TEATRO DO OPRIMIDO E SERVIÇO SOCIAL: ALGUMAS EXEMPLIFICAÇÕES.....	40
<b>CAPÍTULO III: ARTICULAÇÃO E ANÁLISE FINAL DOS DADOS: O TEATRO DO OPRIMIDO NA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL</b> .....	<b>43</b>
3.1 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....	44
3.2 - DADOS COLETADOS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE O TEATRO DO OPRIMIDO E O SERVIÇO SOCIAL .....	45
3.4 - ANÁLISE DE DADOS .....	50
3.5 - CAMPOS POSSÍVEIS E COMO É UTILIZADO.....	51
3.6 - ANÁLISE SOBRE LIMITES E POSSIBILIDADES DO USO DO TEATRO A PARTIR DA ANÁLISE DOS DADOS BIBLIOGRÁFICOS .....	57
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>60</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	<b>62</b>

## INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – é um pré-requisito acadêmico para formação do assistente social e tem como objetivo central a análise dos limites e das possibilidades do Teatro do Oprimido como um instrumental técnico operativo para a atuação do Assistente Social. Para isso, serão utilizados artigos, pesquisas, teses e monografias entre outras obras que possam embasar uma pesquisa bibliográfica e qualitativa. Esta última, a pesquisa qualitativa, deve segundo Minayo (2004, p.36) ser disciplinada, crítica, ampla e em profundidade.

O tema em análise, Teatro do Oprimido e Serviço Social, foi definido ao longo da experiência acadêmica para formação do assistente social, mais precisamente no período de Estágio Obrigatório cursado no 6º e 7º semestre do curso. Na ocasião, o campo de estágio foi o Centro de Referência de Assistência Social Brasília (CRAS Brasília), que conta com uma equipe multidisciplinar<sup>1</sup> formada por assistente social, psicóloga e uma pedagoga. Neste ambiente de aprendizagem foi constatada a versatilidade e a importância dos mais variados conhecimentos para o fazer do assistente social. Uma vez que a experiência em questão consistiu em organizar, coordenar e realizar um grupo de Proteção e Atendimento Integral à Família (PAIF) direcionado para famílias de catadores de material reciclável foi notada a necessidade de compor atividades, como: criar vínculos entre as famílias e os profissionais; abordar temas de forma didática; compor autonomia das famílias; criar uma rede primária de proteção para o público alvo e para isso o assistente social necessita utilizar dos mais variados recursos instrumentais para a intervenção profissional.

A partir da assimilação de uma miscelânea de conhecimentos se dá o alcance do objetivo profissional. Ao longo da experiência de aprendizado na graduação, percebe-se que há maneiras de mesclar conhecimentos e técnicas que podem compor formas mais eficientes de atuação para o assistente social. Por exemplo, a partir do conhecimento da pedagogia é

---

<sup>1</sup> Equipe multidisciplinar se dá quando a equipe técnica conta com vários profissionais distintos atendem de maneira independente a mesma pessoa. A equipe multidisciplinar difere da equipe interdisciplinar, pois a equipe interdisciplinar conta com especialistas que conversam entre si sobre a situação de um paciente – sobre aspectos comuns a mais de uma especialidade. As duas formas de equipes, por sua vez, se distinguem da equipe transdisciplinar, onde a equipe técnica conta uma atuação definida e planejada em conjunto, de acordo com (Bucher, 2003; LoBianco, *et al*, 1994).

possível aprimorar o planejamento de intervenções com Abordagem em Grupo<sup>2</sup>, pensando na logística para realização e assim garantir a participação dos usuários do PAIF.

Ao vivenciar a realização de um grupo de Proteção e Atendimento Integral para as Famílias torna-se evidente que o assistente social precisa de um arsenal de instrumentos e técnicas, e sofre de uma escassez teórica, como pontua Santos (2006), que também afirma que o processo de formação do assistente social possui uma lacuna (uma ausência de estudos e possibilidades) acerca dos instrumentais. Isso é reforçado com a necessidade de estudos, teses e artigos que sejam capazes de abordar e levar ao mundo acadêmico uma visão mais profunda acerca do assunto, e assim, evitar que a ação profissional passe apenas por uma dimensão (teórica, política ou ética), e não perpassasse todas as dimensões necessárias para constituir um instrumental.

Consoante a essa escassez acadêmica, encontra-se a necessidade de reforçar o acervo profissional sobre os instrumentais pela importância que se dá possuir direcionamento teórico durante a ação do assistente social, como Santos (2006) coloca em sua obra:

A teoria contribui com o redimensionamento dos instrumentos ao oferecer-lhes a forma de tratá-los, as estratégias e as abordagens, porquanto podemos utilizar instrumentos diferentes em nossa intervenção, mas que os utilizemos de acordo com o método por nós aceito. (SANTOS, 2006, p.210)

Ou seja, a partir de um conhecimento teórico é possível explorar instrumentos e maneiras de transmutar os significados desses instrumentos para que sejam coerentes com os métodos e com a ética do Serviço Social. Tal concepção constitui o campo da instrumentalidade que de acordo com Guerra (2000):

[...] no exercício profissional do assistente social parece ser algo referente ao uso daqueles instrumentos necessários ao agir profissional, através dos quais os assistentes sociais podem efetivamente objetivar suas finalidades em resultados profissionais propriamente ditos. Porém, uma reflexão mais apurada sobre o termo instrumentalidade nos faria perceber que o sufixo “idade” tem a ver com a capacidade, qualidade ou propriedade de algo. Com isso podemos afirmar que a instrumentalidade no exercício profissional refere-se, não ao conjunto de instrumentos e técnicas (neste caso, a instrumentação técnica), mas a uma determinada capacidade ou propriedade constitutiva da profissão, construída e reconstruída no processo sócio-histórico. (GUERRA, 2000, p.1)

---

<sup>2</sup> A Abordagem com Grupos foi dissociada de seu caráter psicologizante no período pós-Reconceituação do Serviço Social e preconizada pelo Conselho Federal de Serviço Social na resolução de número 569 de 25 de Março de 2010, sendo utilizada como possível instrumental para diversas matérias. Para mais informações ler AMORIM, Ricardo G. O Serviço Social e os seus instrumentos e técnicas: Uma análise da percepção da Abordagem com Grupo no meio profissional do assistente social. Brasília, 2013.



Este trabalho parte da observação de que dentro do campo profissional do assistente social encontram-se diversas possibilidades de instrumentais pouco exploradas, que colaboraram para suprir as demandas dos campos profissionais existentes, como o acolhimento, proteção e formação crítica dos usuários (previstas no PAIF) – na assistência social – em conjunto com a vertente pedagógica da profissão e as aproximações da profissão com o campo das artes, bem como com as diversas experiências culturais, que possuem envolvimento teatral. Tais experiências culturais trazem à tona a questão da dominação e de resistência à dominação.

Na perspectiva de resistência (representada aqui pelo método do teatro do oprimido) o teatro ganha potencial para tornar-se um instrumental interessante para o assistente social. A partir da adoção do teatro como instrumental que surge a problemática: quais são os limites e as possibilidades do Teatro do Oprimido como instrumental técnico operativo para o Serviço Social?

A fim de responder a questão posta e desenvolver este trabalho acadêmico fez-se necessário estipular objetivos específicos, para além do objetivo geral já exposto, os quais consistem em:

- 1) Analisar as aproximações teóricas do Teatro do Oprimido com o Serviço Social, para compreendê-lo (ou não) como um instrumental do Serviço Social.
- 2) Reunir e analisar artigos, teses, monografias, periódicos que articulem Serviço Social com o Teatro do Oprimido.
- 3) Analisar como e em quais campos (assistência social, saúde, educação) o Teatro do Oprimido aparece como instrumental do Serviço Social.

Para cumprir com tais objetivos foi necessário seguir uma metodologia, que de acordo com Suely Ferreira Deslandes (2004), trata-se “mais que uma descrição formal dos métodos e técnicas a serem utilizados, indica as opções e a leitura operacional que o pesquisador fez do quadro teórico” (MINAYO, 2004, p. 42-43), o método escolhido para confecção deste trabalho foi uma pesquisa bibliográfica e qualitativa que conta com os seguintes passos:

- 1) Pesquisa Bibliográfica com fundamentação em artigos, teses, monografias, periódicos que articulem Serviço Social com o Teatro do Oprimido. Para sua realização foi feita uma revisão bibliográfica, com prioridade de bibliografias da

literatura corrente sobre os temas centrais e associados ao objeto de pesquisa, além da legislação e normas sobre o tema.

- 2) Análise, observação e interpretação dos dados sobre os limites e possibilidades encontrados acerca do tema.

O primeiro ponto colocado acima diz respeito à revisão bibliográfica, que se faz importante para embasar o trabalho acadêmico, tendo em vista aquilo que já foi produzido acerca dos limites e das possibilidades dos instrumentais do Serviço Social, em conjunto com o material já pesquisado sobre o Teatro do Oprimido sob a ótica do Serviço Social.

Tal revisão bibliográfica diz respeito à pesquisa bibliográfica e mapeamento de dados. Para isso, foram utilizados artigos, livros, e a busca de material acadêmico em *sites* oficiais como *SciELO* e Biblioteca Digital de Monografias (BDM), que tratam sobre o tema escolhido, a partir de filtros de palavras previamente selecionadas. Neste momento foram mapeados locais onde assistentes sociais se apropriam do Teatro do Oprimido como um instrumental a ser estudado, a fim de notar os limites, as possibilidades e/ou dificuldades encontradas pelos profissionais que se utilizam do instrumental em questão.

Este TCC conta com 04 capítulos distintos, sendo o primeiro, “*Instrumentais Técnicos Operativos, Serviço Social e o Teatro: é possível uma articulação?*”, dedicado a esclarecer a importância de se estudar o tema tendo como base uma explicação sobre o que são os instrumentais e como devem estar articulados com a profissão. Para isso, o capítulo está subdividido em duas partes destinadas que além de tratar sobre os instrumentais apontam estudos e defesas da utilização da arte como possibilidade de resposta criativa para construção de intervenções do Serviço Social. O capítulo conta com as colocações de Guerra (2000), Netto (2006) e Santos (2006) para explicar o que são os instrumentais e a instrumentalidade e com Conceição (2000), Narcizo (2012), Scherer (2010) e Sgarbieiro (2008) para tratar da arte e do teatro como possível instrumental para o Serviço Social.

O segundo capítulo é dedicado ao Teatro do Oprimido, é neste momento que o leitor terá explicações sobre o método do Teatro do Oprimido. Conta a história do idealizador deste método teatral – Augusto Boal – e aos significados, variantes e impactos desta aplicação no Serviço Social. Este capítulo se vale de duas obras de Augusto Boal como base: *O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* e *A Estética do Oprimido*. Este capítulo trabalha a associação primária desta forma teatral com o Serviço Social, articulando-o como

instrumental, coloca as primeiras impressões das associações teóricas sobre o tema. Aqui é usado o Código de Ética profissional em conjunto com algumas obras acadêmicas, que retratam o tema e coloca o Teatro do Oprimido como o instrumental dentro da profissão.

O terceiro capítulo expõe os dados primários encontrados por meio da pesquisa bibliográfica. E constitui a análise de dados recolhidos por meio da pesquisa já citada, em que aparecem os limites e as possibilidades encontrados, além das impressões dos autores da pesquisa bibliográfica. São colocados dados sobre os campos possíveis para a utilização do instrumental, a pesquisa realizada e o público alvo encontrado a partir dos estudos. A parte destinada à análise da pesquisa conta com gráficos e outras ilustrações que auxiliam a visibilidade do trabalho aqui realizado.

O último capítulo é destinado à conclusão, nele foram feitas as considerações possíveis diante o trabalho, bem como a resposta à problemática levantada para construção deste Trabalho de Conclusão de Curso.

**CAPÍTULO I: INSTRUMENTAIS TÉCNICO  
OPERATIVOS, SERVIÇO SOCIAL E O TEATRO: é  
possível uma articulação?**



Disponível em: < <http://pt.dreamstime.com/fotografia-de-stock-royalty-free-cortina-do-teatro-image26595727> >. Acesso em: 21 de Junho de 2015.

## **CAPÍTULO 1. Instrumentais Técnico Operativos, Teatro e o Serviço Social: é possível uma articulação?**

### **1.1 - Instrumentais Técnico Operativos e Serviço Social, contextualização inicial**

Uma vez que o teatro se apresenta como um instrumental técnico operativo é necessário analisar a relação entre os instrumentais e o Serviço Social, para tanto serão adotadas as colocações de Guerra (2000), Netto (2006) e Santos (2006). Ademais, cabe compreender que os instrumentais devem estar articulados e perpassar dimensões essenciais para a prática do assistente social. Tais dimensões são: a teórica, a ética, a política e a operativa.

Esse movimento de articulação entre os instrumentais e as dimensões acima, é coerente com o fazer profissional inserido em um contexto histórico posterior ao Movimento de Reconceituação do Serviço Social, no qual, de acordo com Netto (2006) o assistente social passa a ter uma postura mais crítica acerca da profissão. Essa postura é atribuída pelo autor à adoção do marxismo como vertente teórica. Trata-se do momento no qual o assistente social passa de mero reprodutor do modelo societário vigente para agente crítico que busca a superação da ordem vigente. No entanto, como colocado por Santos (2006) essa incorporação teórica marxista não trouxe a discussão dos instrumentos e técnicas para a intervenção do assistente social, como colocado a seguir:

[...] a incorporação no Serviço Social do referencial teórico marxista – característica do movimento de renovação do Serviço Social em sua direção de intenção de ruptura – não se viu acompanhada de um arsenal de instrumentos e técnicas próprios que objetivasse uma prática coerente com essa teoria [...] (SANTOS, 2006, p. 12)

Essa perspectiva demonstra a necessidade indispensável da busca por meios que possam garantir a eficácia e a coerência para o fazer do assistente social. Com base na necessidade de meios para compor o fazer do assistente social que surge a necessidade de estudar e adequar os instrumentais. Assim, o instrumental passa a ser validado como bom ou ruim de acordo com seu potencial de adequação à profissão, como pode ser observado em Santos (2006), o instrumental deve perpassar as dimensões já citadas.

Para isso, conforme coloca Santos (2006), a ação profissional deve unir o conhecimento teórico da formação com as particularidades apresentadas pelo mercado de trabalho. De acordo com a autora a formação teórica jamais poderá compreender toda a realidade do mercado de trabalho e isso se dá pela incompreensão do profissional da teoria

refletida no mercado de trabalho. Dessa forma, Santos (2006) afirma que o conhecimento teórico está longe de responder as necessidades postas pelo mercado, nesse sentido a autora afirma que na prática a teoria parece ser outra e pontua a necessidade de ter conhecimento prático (provindo das necessidades do mercado de trabalho) em conjunto com o conhecimento teórico – aquele adquirido pela formação. Ou seja, os meios devem ser teóricos e práticos, para que um instrumental seja validado, o que reforça a necessidade contínua de estudar sobre o assunto. Quando colocados em prática, os instrumentais devem necessariamente estar articulados com os objetivos centrais da ação desenvolvida pelo assistente social, bem como, com as dimensões teóricas, políticas e éticas, como Santos (2006) coloca:

Aplicar os meios requer conhecer os instrumentos, ter habilidades para utilizá-los, capacidade para criá-los e de escolher os mais adequados às finalidades postas. (SANTOS, 2006, p.211)

O que pode ser evidenciado, segundo Santos (2006), é que a teoria passa para a prática um conhecimento sobre a realidade. Tal conhecimento travestido em instrumentos e técnicas dão subsídios para o assistente social potencializar sua ação profissional. Cabe neste instante focar nas habilidades de criá-los e utilizá-los seguindo as finalidades do Serviço Social, pois como é colocado por Amorim (2013):

[...] os instrumentos podem ser utilizados de maneira a atender aos interesses do projeto burguês, associando a intervenção do assistente social ao acesso aos direitos sociais, contudo não direcionando essa mesma intervenção a uma ampliação desses direitos e à busca de uma emancipação verdadeiramente efetivada. Vale ponderar que o profissional, se bem articulado, pode perpassar essa perspectiva e intervir de maneira crítica e comprometida com as regulamentações da profissão, buscando atender às variadas expressões da questão social de forma a compreender o que as levaram a se apresentar. (AMORIM, 2013, p. 29)

Consoante a este pensamento, Santos (2006) pontua que são livres os instrumentos que podem ser utilizados pelo assistente social, desde que, a partir das concepções teóricas, éticas e políticas o profissional consiga adequá-lo e direcioná-lo para os fins do Serviço Social. Para ela, a diferenciação será feita a partir da formação teórica em consonância com a visão crítica do profissional. Como coloca Santos (2006):

[...] O problema não se encontra nessa busca por conhecimentos em outras áreas, uma vez que os instrumentos e técnicas no Serviço Social advêm de áreas afins. O problema está em não se observar a coerência entre os fundamentos filosóficos, o referencial teórico-metodológico a eles subjacentes e as finalidades desses instrumentos no Serviço Social, o que resulta numa associação equivocada entre o Serviço Social e essas profissões [...]

O acervo de instrumentos e técnicas não são necessariamente específicos do Serviço Social. Ele pertence às ciências sociais e humanas. Há, contudo, uma especificidade no uso desses instrumentos pelo Serviço Social, a qual precisa ser definida, pensada e trabalhada pelo conjunto da categoria – a começar na formação profissional – a partir de seus objetivos, de seus princípios, de seus objetos, de suas demandas e de sua direção social. Trabalhar essas particularidades se faz necessário no sentido de construir um acervo mínimo de referência a ser garantido no ensino dos instrumentos e técnicas. (SANTOS, 2006, p.86)

Assim, é necessário que o profissional consiga vislumbrar em sua técnica e nos seus instrumentos meios capazes de responder as demandas insurgentes de maneira eficaz, o que é possível a partir do conhecimento teórico-prático, da competência técnica dos profissionais em utilizar os instrumentos de maneira eficiente, além de realizar um movimento teleológico ao projetar a finalidade, por meio do que está sendo realizado.

Este movimento de construção compõe a instrumentalidade, que é a combinação entre a ciência específica do Serviço Social com sua prática, em conjunto com os instrumentos utilizados pelo profissional. Como pode ser observado por Guerra (2000), o termo está relacionado a capacidade, a qualidade ou a propriedade de algo, por isso o termo “idade”.

Para Guerra (2000) a instrumentalidade aparece dentro da profissão relacionada à utilização dos instrumentos necessários para o agir profissional, a partir dos quais os assistentes sociais podem objetivar suas finalidades. A autora faz a seguinte colocação sobre o termo:

[...] refere-se, não ao conjunto de instrumentos e técnicas (neste caso, a instrumentação técnica), mas a uma determinada capacidade ou propriedade constitutiva da profissão, construída e reconstruída no processo sócio-histórico. (GUERRA, 2000, p.1)

Postas a instrumentalidade e sua importância em análise, torna-se mais simples adentrar nos assuntos que envolvem o método do Teatro do Oprimido como instrumental (sendo eles o teatro e a arte como um todo no contexto do Serviço Social).

## 1.2 - Arte, Teatro e Serviço Social

Estudos e defesas da utilização da arte como possibilidades de respostas criativas e com foco no desenvolvimento das pessoas já podem ser observadas no debate teórico do Serviço Social. A título de exemplo serão apresentadas as idéias de Conceição (2010) e de Narcizo (2012).

As demandas e competências postas ao assistente social estão cada vez mais complexas e exigem respostas criativas para a construção de intervenções profissionais, como alega Conceição (2010). De acordo com a mesma autora, as respostas às demandas sociais e às estratégias de intervenção compõem desafios aos assistentes sociais que devem ser superados a partir de uma capacidade teleológica criativa e crítica acerca dos instrumentais possíveis para serem utilizados pelo profissional. Uma forma de encarar tais desafios, sem abrir mão de uma prática crítica e criativa, é por meio da adoção da arte como instrumental.

Com base no trabalho de Narcizo (2012), encontra-se na arte uma maneira de desvelar o cotidiano e proporcionar construção e fortalecimento de sujeitos coletivos. A partir do acúmulo teórico-prático da profissão, por meio das artes, pode-se:

[...] transcender as demandas imediatas alocadas no espaço do cotidiano, a fim de perseguir a perspectiva da totalidade pode servir a construção de possibilidades de luta e transformação social. (NARCIZO, 2012, p.4)

Em outras palavras, Narcizo (2012) considera que a manifestação artístico-cultural constitui uma maneira eficaz de transcender as demandas imediatas apresentadas pela sociedade, enquanto Conceição (2010) reforça que a arte articulada com a perspectiva do Serviço Social de emancipação dos sujeitos, superação da ordem e das relações de exploração vigentes colabora para construção de uma nova hegemonia composta por seres humanos mais críticos e conscientes.

De acordo com Conceição (2010) a arte pode aparecer como um instrumental possível para profissão também a partir da compreensão dada por Marx, segundo a qual a arte é uma forma de consciência social (MARX *apud* PEIXOTO, 2003), pois, Conceição (2010) pontua que Marx compreende que: “é também por meio da arte que os homens tomam consciência das transformações da base econômica e das alterações que eles promovem na superestrutura da sociedade.” (CONCEIÇÃO, 2010, p.58). Desta forma, Conceição (2010) conclui que as artes são inerentes às relações humanas e são capazes de contribuir para distintas funções e utilidades sociais.

Já Narcizo (2012) se vale da visão de Lukács para entender as manifestações artísticas como possíveis instrumentais. Assim, considera que a vivência artística culmina em um enriquecimento na personalidade individual, não em um enriquecimento no individualismo, trata-se de um território livre, onde a humanização do homem (sua ontologia e o fazer ontológico) se firma e onde o ser humano tem a possibilidade de apreender o mundo de forma



direta e total e assim compreende a realidade sem as regras e preconceitos cotidianos. Para Narcizo (2012), este movimento propicia o rompimento com a estrutura e condicionamentos rotineiros que, por sua vez, auxiliam na problematização acerca das práticas vigentes na sociedade.

Tais percepções sobre a arte geram a visão de Narcizo (2012) que encara os movimentos artísticos como técnicas diferenciadas para alcançar sujeitos dentro do Serviço Social e propiciar um espaço de luta e enfrentamento amplo e aprofundado com engajamento de todos os envolvidos. As considerações feitas também culminam na perspectiva de Conceição (2010) que compreende que a utilização da arte no fazer profissional nos locais de trabalho envolve informação, socialização, humanização e emancipação dos sujeitos. De acordo com a autora:

Essa relação fica evidente não só no espaço profissional, mas também nos espaços acadêmicos, quando, mesmo que de forma discreta, a arte permeia as relações profissionais, sem dúvida como um importante instrumento de intervenção profissional para a emancipação e a liberdade. (CONCEIÇÃO, 2010, p.65)

Observa-se também em Narcizo (2012) que a arte aparece como uma maneira de viabilizar mediações capazes de fazer um indivíduo reconhecer-se como sujeito coletivo e fortalecer processos de construção, autonomia e resistência. Ela reforça que o espaço social se legitima por meio do Serviço Social, inserido em uma visão crítica, para a autora, tal espaço:

[...] serve para comunicar ao indivíduo a cadeia de condicionamentos que configuram sua existência, e por outro lado, como ele (indivíduo), produto social da sociedade, pode utilizar-se dos recursos existentes - afetivos, legais, institucionais, políticos, culturais, geográficos - para potencializar novas formas de sociabilidade, através da organização de formas coletivas de enfrentamento e posicionamento político. (NARCIZO, 2012, p.6)

Dessa maneira, pode-se pontuar que existem variadas formas de manifestações artístico-culturais, como a dança, o teatro, a música, a literatura, a poesia, o cinema, a fotografia, a pintura e cada uma delas tem potencial para ser pensada e utilizada como um elemento de reforço contra-hegemônico à instrumentalidade do Serviço Social – como afirma Narcizo (2012). Ou seja, pode ser utilizado na perspectiva de superação da ordem vigente. Dentre as manifestações artísticas encontra-se o teatro, que por anos serviu como uma forma de manter a ordem vigente e colaborar com o sistema de dominação vigente da sociedade até ser transformado por diversos processos sócio-históricos em uma forma de resistência.

Como posto por Conceição (2010) as manifestações artísticas ganham significados distintos de acordo com a ideologia que carrega, assim, podem servir tanto para manutenção da hegemonia dominante, quanto para libertação e transformação do homem (na perspectiva contra-hegemônica). O teatro não foge a essa lógica, como pode ser observado em Sgarbieiro (2008) o teatro aparece no Brasil – no século XVI - como uma estratégia portuguesa de catequização e anúncio de novas idéias políticas, tendo uma motivação ideológica voltada para a dominação e instauração de uma nova cultura dominante.

No entanto, com o passar dos anos a percepção crítica do teatro vai se aprimorando. Como pode ser observado em Arêas (2006), em 1838 a chamada Comédia de Costumes se firmou com o teatrólogo Martins Pena – perpetuou-se uma sátira aos hábitos da época, capaz de apontar determinados costumes e tradições sociais – e marcou um dos primeiros passos para a construção crítica da arte brasileira.

No decorrer do século XX os teatros de resistência e de cunho social ganham força e a ideologia desta forma artística se aproxima com a visão do Serviço Social, com uma perspectiva de superação da ordem vigente, autonomia dos sujeitos, construção de uma visão social crítica e política.

Assim o palco se estruturou para permitir que a partir da década de 40 fossem firmados diversos grupos, métodos, companhias teatrais com pautas sócio-políticas críticas. Para exemplificar o papel do teatro e sua relevância sócio-política pode-se observar que em 1970, de acordo com Perez (2012), os Centros Acadêmicos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP - estavam fechados. Logo, as discussões políticas e debates sociais se davam a partir de grupos de teatro.

Como instrumental, Scherer (2010) capta no teatro uma forma estratégica de fortalecimento dos processos sociais emancipatórios, capazes de gerar reflexões e trazer à tona a dimensão de resistência e identidade social. Tal autor faz as seguintes considerações sobre o alcance do teatro – como instrumental<sup>3</sup> do Serviço Social – voltado para jovens:

[...] as contribuições da arte, materializada através do teatro, como uma dimensão da vida humana que tem a possibilidade dar visibilidade as concepções de mundo dos sujeitos, sendo uma forma de vocalização e de construção de conhecimento em direção a uma apreensão crítica do cotidiano (...) possibilitou a compreensão dos jovens enquanto sujeitos de direitos (SCHERER, 2010, p.10)

---

<sup>3</sup> De forma mais específica como instrumento de reconhecimento de Direitos Humanos da Juventude

Logo, Scherer (2010) reconhece as possibilidades de proporcionar autonomia aos seguimentos fragilizados<sup>4</sup> pela conjuntura social por meio do teatro. Para o autor, o teatro constitui uma maneira de possibilitar lutas que culminem na garantia dos direitos humanos pela juventude. Além disso, ele reconhece no teatro uma maneira de possibilitar aos assistentes sociais uma visão mais abrangente acerca do público alvo, como pode ser observado em Scherer (2010), a partir do teatro o público alvo passa por um processo de (des) construção de identidade e passa a vocalizar suas demandas e trazendo à tona a visão do usuário sobre sua realidade. Ao pontuar sua experiência com jovens e o Teatro do Oprimido, o autor coloca que o teatro aparece como uma maneira de dar visibilidade e de dar a percepção dos jovens quanto a realidades deles e que o mesmo movimento permite a compreensão desses sujeitos dentro de suas garantias e direitos.

Dentre as vantagens de ter o teatro como instrumental, Scherer (2010) constata em seu trabalho que a forma teatral faz com que os envolvidos transmitam suas percepções acerca da realidade e vocalizem de forma mais direta suas demandas, sem esquecer que o teatro propicia que o público alvo tenha uma reflexão crítica acerca de seu cotidiano e construa um acervo de conhecimentos sobre sua realidade.

A partir da linha de raciocínio de Scherer (2010), pode-se notar que o direcionamento dado pelo assistente social – a ideologia e princípios que direcionam o teatro como instrumental – passa a ser capaz de gerar debates e questionamentos críticos acerca da sociedade, o que possibilita uma movimentação de transformação social. Essa transformação acontece ao passo que o público alvo passa a ser consciente de sua realidade. O autor coloca que em sua pesquisa constatou que por meio do teatro, os jovens passam a compreender as violações e garantias de direitos humanos existentes e dessa forma podem desconstruir percepções preconcebidas quanto a estes direitos e garantias, bem como a seu próprio respeito, o que possibilita a esse público que ele comece a travar suas lutas para a garantia dos direitos humanos pelas juventudes. Assim, o autor coloca que a arte – mais especificamente o teatro – associada a uma dimensão totalizante, política e uma perspectiva coerente ao projeto ético-político do assistente social compõe o fortalecimento de processos sociais emancipatórios.

Consoante às colocações anteriores, Izaú e Romão (2013) encontram no teatro seu papel educativo que pode ser atrelado ao Serviço Social pedagógico emancipador, capaz de:

---

<sup>4</sup> Fragilizados quanto sua visibilidade social

1. Estimular a inteligência;
2. Contribuir para formação da personalidade do indivíduo;
3. Desenvolver a percepção, raciocínio e observação do público alvo.

As mesmas autoras compreendem que tal manifestação artística funciona como uma mediadora no processo construtivo emancipatório pelo conteúdo político, ideológico, de resistência que dá base para o inconformismo social e gera uma consciência coletiva necessária para qualquer processo de transformação societária. Assim, Izaú e Romão compartilham do pensamento de Scherer (2010), onde:

A arte articulada nos processos de trabalho nos quais Assistentes Sociais se inserem, poderá auxiliar no fortalecimento de processos sociais emancipatórios da população, na dimensão educativa do trabalho do assistente social, possibilitando que o seu projeto ético – político ganhe vida em uma ordem prática, obtendo uma materialidade no campo deste profissional.(SCHERER, 2010, p.182)

Dessa forma, cabe ressaltar a afirmação de Scherer (2010), de que os conhecimentos técnico-operativos da profissão e os conhecimentos teatrais devem ser colocados em prática de forma cuidadosa, com objetivo bem definido, a fim de ter em mente que os sujeitos centrais da ação são o público alvo, e que, por meio do teatro (ou qualquer outra manifestação artística) o assistente social busca estratégias de enfrentamento e resistência em contextos de violações de Direitos Humanos (por exemplo), em conjunto com a equipe técnica.

Diante as colocações anteriores, acerca da importância do direcionamento ideológico para a significação do instrumental, apresentado por Conceição (2010) consoante a compreensão de Scherer (2010) onde o teatro compõe um instrumental com forma estratégica para os fortalecimentos dos processos sociais emancipatórios pode-se concordar com o pressuposto de Sgarbieiro (2008), que diz:

[...] o teatro pode contribuir para provocar modificações no processo de construção da vida social. Não queremos dizer que só o teatro é responsável por este processo, mas, ele por agir diretamente sobre a consciência dos espectadores e dos atores, pode auxiliar no processo. (SGARBIEIRO, 2008, p.2)

Ou seja, para que exista uma consonância entre o instrumental e o Serviço Social é preciso uma convergência ideológica. Em outras palavras, o teatro utilizado para o fazer do assistente social não será similar ao teatro catequizante, mas será um teatro de cunho político social, que componha a resistência ao conformismo social e às ideologias conservadoras.

Além disso, é imprescindível que tal forma teatral deve estar de acordo com o projeto ético-político da profissão.

Assim, o teatro que interessa para o Serviço Social é aquele que tem uma aproximação com as diretrizes profissionais, e/ou que possa ser utilizado como um instrumento social de resistência, autonomia, de crescimento crítico, coerente com o método dialético e que possa fortalecer o público alvo. Nesse sentido, o método do Teatro do Oprimido criado por Augusto Boal salta aos olhos diante outras formas de teatro possíveis. Segundo Izaú e Romão (2013), este método colabora com a densa reflexão acerca das consequências negativas geradas pelo capitalismo, as autoras colocam que:

[...] a arte pode trazer uma reflexão sobre a sociedade, fazendo com que o sujeito perceba seu papel social. [...] o teatro do oprimido vem colaborando com a reflexão dos males causados pelo capitalismo, até mesmo para quem não atua na área social, pois está técnica teatral vem colaborando como as discussões de temas como discriminação, violência, racismo [...] (IZAÚ e ROMÃO, 2013, p. 13)

Uma vez levantadas tais considerações acerca da possibilidade do Teatro do Oprimido contribuir para a reflexão dos sujeitos sobre opressões vivenciadas por eles no âmbito de situações de discriminação, violência, racismo, etc. cabe compreendê-lo e demonstrar o método idealizado por Augusto Boal e suas aproximações com o Serviço Social para introduzir a pesquisa bibliográfica aqui realizada.

**CAPÍTULO II: O TEATRO DO OPRIMIDO:  
SIGNIFICADOS E POSSIBILIDADES PARA  
ATUAÇÃO DO SERVIÇO SOCIAL A PARTIR DA  
ANÁLISE DA OBRA DE AUGUSTO BOAL**



Disponível em:< [www.analisedeconjuntura.blogspot.com](http://www.analisedeconjuntura.blogspot.com)>. Acesso em: 14 de Junho de 2015.

## **CAPÍTULO II: O Teatro Do Oprimido: significados e possibilidades a partir da análise da obra de Augusto Boal**

O ponto de partida para análise do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social é conhecer a trajetória do criador deste método teatral, para então compreender a significância do método e o alcance do Teatro do Oprimido dentro de suas aplicações.

Em outras palavras, para dar continuidade ao trabalho é preciso adentrar no mundo artístico de Augusto Boal, pois, só a partir deste movimento de conhecimento é possível compreender a proposta acadêmica aqui colocada.

Uma vez que não é possível estudar o método do Teatro do Oprimido sem usar o acervo teórico de Boal como base primária, foram usadas duas obras marcantes do autor: *O Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas* e *A Estética do Oprimido*. Para complementar o trabalho foram usadas fontes secundárias, como o *site* oficial do Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro<sup>5</sup> (CTO- Rio) espaço fundado por Augusto Boal e responsável pelas ações do Teatro do Oprimido realizadas no Rio de Janeiro.

### **2.1 - Augusto Boal e o Teatro Do Oprimido**

Augusto Boal foi um dramaturgo carioca, nascido em 1931, teve o teatro como sua essência, enquanto criança escrevia, ensaiava e montava suas próprias peças em encontros familiares. Ainda que sua primeira formação tenha sido em Engenharia Química, Boal cresceu no âmbito teatral com textos teatrais lidos e comentados por Nelson Rodrigues<sup>6</sup>.

Para estruturar suas obras acerca do Teatro do Oprimido o autor se baseou nas relações de poder da sociedade – e em concepções teóricas de Brecht<sup>7</sup> acerca do Oprimido - para

---

<sup>5</sup>Disponível em: < <http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/augusto-boal/>>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.

<sup>6</sup>Nelson Falcão Rodrigues, escritor, jornalista e dramaturgo brasileiro, nascido em 1912. Responsável por 17 peças, além de crônicas e romances. É considerado um dos grandes nomes do teatro, responsável por críticas sociais travestidas de peças, responsável por grandes obras teatrais como “Vestido de Noiva”, “A mulher sem pecado” entre outras. Morreu em 1980. Disponível em: < [www.funarte.gov.br](http://www.funarte.gov.br)> Acesso em: 21 de Novembro de 2014.

<sup>7</sup>Euger Berthold Friedrich Brecht, alemão, nascido em 1898. Dramaturgo, romancista e poeta, ele tinha como objetivo de exercer uma função transformadora sobre o ambiente social. Suas obras teatrais se davam a partir da aplicação de uma teoria previamente elaborada por ele. Responsável por criar uma nova forma teatral, tem mais de 50 peças escritas. Em suas bases teóricas passa por Hegel e Marx. Sua morte aconteceu em 1956. FONTES: Montagnari, Eduardo F. in: Brecht: Estranhamento e Aprendizagem ([http://www.dle.uem.br/revista\\_jiop\\_1/artigos/montagnari.pdf](http://www.dle.uem.br/revista_jiop_1/artigos/montagnari.pdf)); MONIZ, Edmundo in: Bertolt Brecht – Uma breve Biografia ([http://www.oscalixto.com.br/bertolt\\_brecht\\_pequena\\_biografia.pdf](http://www.oscalixto.com.br/bertolt_brecht_pequena_biografia.pdf)) ; e-Biografias in Bertolt Brecht ([http://www.e-biografias.net/bertolt\\_brecht/](http://www.e-biografias.net/bertolt_brecht/)); Bertolt Brecht ( [http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt\\_Brecht](http://pt.wikipedia.org/wiki/Bertolt_Brecht))

construir formas de transformar a realidade vigente, para isso, utilizou-se de um viés marxista de pesquisa e aplicação do método.

Neste sentido, para Boal pensar e aplicar o método do Teatro do Oprimido ele se utilizou de métodos marxistas de análise e pesquisa, usando uma abordagem que de acordo com Minayo (2004):

[...] considera a historicidade dos processos sociais e dos conceitos, as condições socioeconômicas de produção dos fenômenos e as contradições sociais (...). Enquanto método, propõe a abordagem dialética que teoricamente faria um desempate entre o positivismo e o compreensivismo, pois junta a proposta de analisar os contextos históricos, as relações sociais de produção e de dominação com a compreensão das representações sociais [...] (MINAYO,2004,p.36)

É importante ressaltar que, de acordo com Equipe do Centro do Teatro do Oprimido (2009), Boal acreditava no processo dialético e o vivia enquanto aprimorava seu método teatral:

Augusto Boal foi um homem de coletivos, um semeador de multiplicadores. Ensinava aprendendo e aprendia ensinando, num constante processo de criação. Além de sua fundamental contribuição para a criação de uma dramaturgia genuinamente brasileira no Teatro de Arena de São Paulo, criou o Teatro do Oprimido que é um dos métodos teatrais mais praticados no mundo, presente em todos os continentes, através do trabalho de milhares de praticantes.<sup>8</sup>

Nota-se que Boal utiliza métodos marxistas que também formam a perspectiva dos assistentes sociais. Pois como coloca Netto (2006), o marxismo foi a vertente teórica que proporcionou uma reflexão mais crítica sobre a profissão do assistente social para a sociedade.

Segundo Netto (2011) a teoria marxista (a mesma teoria adotada por Augusto Boal e pelos assistentes sociais) deve ser assumida como uma modalidade peculiar de conhecimento que se diferencia das demais pelo conhecimento teórico (conhecimento do objeto). Dessa forma, Netto (2011) aponta que tal metodologia de pesquisa é uma reprodução ideal do movimento real do objeto pelo pesquisador. O sujeito toma por base e reproduz o objeto de sua pesquisa, de tal forma que a veracidade de sua teoria se dá proporcionalmente a fidelidade ao objeto. O método de pesquisa é responsável pelo conhecimento teórico, a partir da aparência tenta alcançar a essência do objeto. Netto (2011) também pontua que para Marx os

---

<sup>8</sup> Dentro da apresentação feita pela Equipe do Centro do Teatro do Oprimido de : Boal, Augusto, 1931-2009 A estética do oprimido / Augusto Boal. Rio de Janeiro : Garamond, 2009.



pontos de partida para pesquisa estão na investigação, na exposição de resultados provenientes da investigação.

De acordo com o *site* Oficial do CTO-Rio<sup>9</sup>, o processo de formação do dramaturgo teve início na *Columbia University*, que lhe proporcionou chances de assistir as montagens do *Actor's Studio*.

Após seu processo inicial de formação Boal retornou ao Brasil, em 1956, a convite de Sábato Magaldi e Zé Renato para dirigir o Teatro de Arena de São Paulo. Tal teatro é o marco de uma revolução estética no teatro brasileiro nos anos 50 e 60, com incontáveis contribuições para a criação de uma dramaturgia verdadeiramente brasileira.

Tratava-se de uma fonte cultural brasileira voltada para causas sociais e políticas que sofreu com a perseguição ditatorial, especialmente a partir do momento que tal perseguição tornou-se mais dura com o passar dos anos, com o Ato Institucional 5 – colocado em vigor em 1968. Em 1970, o chamado Núcleo Dois do Arena, iniciou os primeiros experimentos acerca do Teatro Jornal<sup>10</sup>, o que culminou no ano posterior na prisão, tortura e exílio de Augusto Boal.

No mesmo período o Serviço Social passava pelo movimento de Reconceituação, quando os assistentes sociais vão negar as práticas terapêuticas para adotar uma vertente mais crítica e social. Tanto o método do Teatro do Oprimido começa a surgir, quanto o Serviço Social passa a adotar uma nova postura. De acordo com Amorim (2013):

[..] o Movimento de Reconceituação do Serviço Social, ao promover uma nova perspectiva de como deveria se firmar a intervenção profissional da categoria, possibilitou uma revisão crítica acerca da teoria, da metodologia e da ênfase na cientificidade em relação ao que a perspectiva interventiva que se encontrava o Serviço Social anteriormente a esse processo. [...] (AMORIM, 2013,p. 14)

Foi no período em que esteve exilado que Augusto Boal passou a morar na Argentina, onde dirigiu o grupo “*El Manchete*” de Buenos Aires, a partir desse momento o dramaturgo começou a viajar pela América Latina aprimorando e difundindo técnicas do chamado Teatro do Oprimido. Trata-se do momento em que Boal buscou formas teatrais de conscientizar a população oprimida das relações de dominação existente e naturalizada na sociedade, que culminou no método Teatro do Oprimido. Esse processo de conscientização da população

---

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://ctorio.org.br/novosite/quem-somos/augusto-boal/>>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.

<sup>10</sup> Embrião do Teatro do Oprimido, ambos serão retratados de forma mais detalhada no decorrer do trabalho acadêmico.

oprimida tem por objetivo trazer poder e autonomia às pessoas que se encontram em uma situação vulnerável socialmente devido a um processo sócio-histórico da sociedade (onde se encontram mulheres, pobres, negros, trabalhadores), que se aproxima com os princípios do Serviço Social previsto em seu código de ética que buscam uma sociedade sem a relação de dominação existente, seja ela por gênero, raça ou condição econômica.

Em 1976, Boal passou a morar em Lisboa, onde dirigiu o grupo “*A Barraca*”, dois anos depois foi chamado para lecionar na *Université de la Sorbonne-Nouvelle*, em Paris. Na França, em 1979, criou o primeiro Centro do Teatro do Oprimido, chamado, *Centre du Théâtre de l’Opprimé-Augusto Boal*.

Antes de regressar definitivamente para o Brasil, o dramaturgo percorreu a Europa aprimorando as técnicas do método do Teatro do Oprimido, depois montou a peça “*O Corsário do Rei*” no Rio de Janeiro e “*Fedra*” de Rancine.

Sua volta definitiva ocorre com o convite do até então Secretário da Educação do Estado do Rio de Janeiro, Darcy Ribeiro, em 1986. Neste mesmo ano cria-se o Centro do Teatro do Oprimido do Rio do Janeiro em comunhão com outros artistas populares. O objetivo do CTO-Rio é difundir o seu trabalho no Brasil, estimulando e supervisionando a atuação de praticantes e grupos. Para tanto, Boal se valeu de diversas pesquisas, como indicado pela Equipe do Centro do Teatro do Oprimido: “Boal considerava essencial o trabalho de pesquisa, por isso o realizava de forma intensa, sistemática e dialogal”<sup>11</sup>.

A partir desta perspectiva, o CTO- Rio tornou-se um espaço de pesquisa e aprofundamento prático e teórico do Teatro do Oprimido, sendo berço do Teatro Legislativo<sup>12</sup> e onde se edificou a Estética do Oprimido. O Centro do Teatro do Oprimido realiza a formação de agentes sociais capazes de difundir o método e utilizá-lo em comunhão com outras ciências (como na Psicologia, na Educação e no Serviço Social) para gerar o fortalecimento de grupos sociais excluídos socialmente, como será explorado no decorrer do trabalho acadêmico aqui realizado.

A estadia de Boal na Europa é um dos fatores que explica as vastas traduções de suas obras para outras línguas como alemão, sueco, polônês, italiano e inglês, tal qual está notado

---

<sup>11</sup> Dentro da apresentação feita pela Equipe do Centro do Teatro do Oprimido de : Boal, Augusto, 1931-2009 *A estética do oprimido* / Augusto Boal. Rio de Janeiro : Garamond, 2009.

<sup>12</sup> Trata-se de um dos tipos teatrais pertencentes ao método do Teatro do Oprimido, melhor trabalhado adiante.

no *blog* oficial<sup>13</sup> do autor. Além da variedade de línguas, cabe notar que a extensão bibliográfica do autor conta com mais de 30 obras em português. O foco principal de suas obras é um método teatral genuinamente brasileiro, o Teatro do Oprimido.

A primeira publicação da obra “*Teatro do Oprimido*” deu-se em 1973, e foi traduzida para mais de 25 idiomas. Utilizada por mais de 70 países, trata-se de um método de pesquisa e criatividade que pode ser usado pelos “oprimidos” – operários, mulheres, homossexuais, negros, e tantos outros grupos que constituem as chamadas minorias sociais – como forma de conscientização, crítica, emancipação e movimentação política.

Pode-se então, notar que tanto a movimentação histórica do Serviço Social, quanto a trajetória de Boal caminharam no sentido de lutar e garantir direitos por meio da conscientização crítica da sociedade, Guidorizzi (2008) aponta essa aproximação em seu trabalho de pesquisa acerca do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social quando aponta que:

[...] o Teatro do Oprimido e o Serviço Social vivenciaram um momento histórico muito importante do Brasil, que foi a Ditadura Militar. Durante este período os dois projetos cada um com seus protagonistas lutaram por mudanças dentro do espaço que se encontravam inseridos e ao mesmo tempo lutavam por direitos que foram banidos nesse período pelos atos institucionais impostos pelos militares que se encontravam no governo do país [...]. (GUIDORIZZI, 2008, p. 60)

Boal não apenas sistematizou obras acerca do assunto, mas implementou o método e esteve envolvido com o desenvolvimento do seu método até o ano de sua morte, em 2009, sempre atento à função democrática, política e social do Teatro do Oprimido. Sendo assim, primordial e indispensável para qualquer estudo sobre o tema.

## **2.2 - O Teatro do Oprimido significados, variantes e impactos da sua aplicação**

De acordo com Boal (2011, p.11) teatro é uma atitude política e indissociável da política, que foi utilizado por anos como instrumento de dominação pelas classes opressoras. No entanto, como foi colocado anteriormente, por volta de 70, ganhou uma abordagem popular, por meio de métodos como Teatro do Oprimido, onde se explicita a ação política do teatro voltada para minorias sociais. Este método é tido como arma de emancipação, de transformação social.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <<http://institutoaugustoboal.org/augusto-boal/>>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.

Em 1974, estava sendo difundido na América Latina como uma forma de garantir direitos, democratizar informações, formular legislações de forma participativa e trabalhar a autonomia de seus participantes. O objetivo central de tal prática consiste em, defender os interesses dos oprimidos, sejam eles mulheres, negros, presos, trabalhadores, deficientes, por meio da conscientização e autonomia das pessoas envolvidas.

Ou seja, o teatro em questão é “feito do oprimido, para o oprimido, sobre os oprimidos e pelos oprimidos” – Boal (2011, p.30). Trata-se de uma arte que é pensada dentro do reconhecimento da opressão econômica, da função social voltada pela igualdade e do potencial transformador do ser humano. Scherer (2010), ao analisar Iamamoto (2007), as propostas emancipatórias das artes, no caso o Teatro do Oprimido, vão de encontro com o projeto Ético-Político do Serviço Social que estão comprometidas com a emancipação humana e levam a uma luta contra as formas de preconceito que reconhece os princípios que regem a profissão do assistente social. Scherer pontua que:

O reconhecimento de princípios como o da liberdade enquanto valor ético central, o posicionamento a favor da equidade e da justiça social, o empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, entre outros princípios; remetem à luta do Serviço Social no campo democrático-popular por direitos que acumulem forças políticas, bases organizativas e conquistas materiais e sociais capazes de dinamizar a luta contra-hegemônica no horizonte de uma nova ordem societária, em que o homem seja a medida de todas as coisas (SCHERER, 2010, p.15 *apud* IAMAMOTO, 2007)

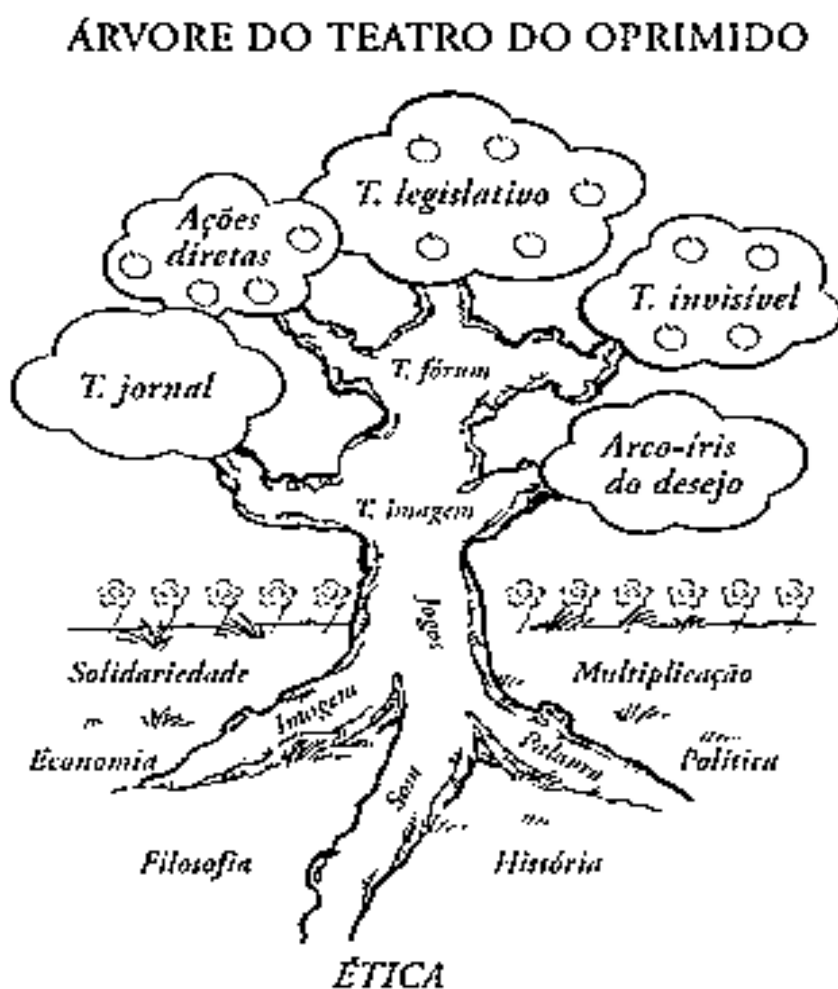
Ao observar que o método de Augusto Boal tem uma aproximação quanto o seu objetivo ao que propõe o assistente social, torna-se importante registrar que o método do Teatro do Oprimido encontra variadas formas de execução que visam à autonomia do oprimido e sua libertação que serão abordadas a seguir, como: o teatro fórum, teatro invisível, teatro legislativo, o arco-íris do desejo e o teatro jornal. A instrumentalidade sensibiliza o usuário para a tomada de consciência das questões de opressão social e política vivenciada por ele e que precisam ser enfrentadas.

Ao descrever o método, Boal, (2011, p. 15) reconhece variadas técnicas e as aplicações possíveis de seu método, seja na psicoterapia, na pedagogia, na cidade, no campo, na luta social. Assim, pode-se dizer que dentre as variadas aplicações tem-se a aproximação com o Serviço Social, que como o Teatro do Oprimido busca a tomada de consciência das questões acima apresentadas, bem como tem um campo amplo de atuação (em lutas sociais, na cidade, no campo). Boal também pontua que a diversidade de técnicas não se dá de forma

exilada, mas compõe as fundamentações para seu método. Ao pensar em uma analogia com uma árvore o autor coloca que a diversidade de técnicas se dá o solo da Ética, da Política, da História e Filosofia, de onde brotarão as técnicas possíveis.

A partir deste solo o autor estrutura a “árvore do Teatro do Oprimido<sup>14</sup>”, onde suas raízes serão os meios sensoriais (som, imagem e palavras) que buscam no solo formas de se perpetuar. O tronco da árvore são os jogos (o teatro de imagem e o teatro fórum) que delimitam as regras e liberdade criativa, imitando as leis da vida real e a liberdade essencial para vida.

**Figura 1:** Árvore do Teatro do Oprimido



Disponível em: < [www.arte.seed.pr.gov.br](http://www.arte.seed.pr.gov.br) >. Acesso em: 21 de Junho de 2015.

<sup>14</sup> Figura 1, localizada no apêndice.

Este tronco é responsável por desmecanizar o corpo, pois segundo Augusto Boal (1998) o ser humano acaba se especializando em alguns movimentos ao longo de sua vida para adaptar-se àquilo que necessita, e os exercícios apontados no tronco da árvore do Teatro do Oprimido são capazes de harmonizá-lo, para que o corpo possa receber e passar todas as mensagens possíveis pelo caminho contrário ao da especialização, a desmecanização. Além disso, o tronco coloca os oprimidos de frente com comportamento social representado. A partir do tronco, chega-se às folhas, onde se situa o teatro jornal, ações diretas, o teatro legislativo, o teatro invisível e o arco-íris do desejo. Cada folha representa um meio teatral que compõe método do Teatro do Oprimido e busca alertar sobre uma condição de dominação e de superação da classe oprimida.

Pode-se, por exemplo, transpor a técnica do teatro jornal para o Serviço Social. Pois esta técnica tende a alertar como os jornais são manipuladores e tendenciosos em suas matérias, a partir de recortes e interpretações possíveis dos participantes. Isso possibilitaria, por exemplo, sensibilizar usuários de Serviço Social acerca de temas importantes e polêmicos da área política e/ou social de uma forma lúdica e crítica.

Enquanto o teatro imagem alerta para nossa linguagem corporal, por meio de imagem e um teatro não-verbal. O assistente social pode abordar expressões da Questão Social e compreender o público alvo ao passo que o envolve.

Dentre as experiências que puderam ser analisadas pela pesquisa bibliográfica aqui realizada temos o trabalho de Pagote (2014), que utiliza o teatro-imagem para atender a um público de deficientes auditivos, além de apontar que a técnica valorizou os indivíduos surdos a autora pontua:

Esta técnica teatral transforma questões, problemas e sentimentos em imagens concretas. A partir da leitura da linguagem corporal, busca-se a compreensão dos fatos representados na imagem, que é real enquanto imagem. A imagem é uma realidade existente, ao mesmo tempo, a representação de uma realidade vivenciada. (PAGOTE, 2014, p. 57)

O teatro legislativo (vertente do Teatro do Oprimido) é responsável por simular um espaço de formulação de leis que por vezes culminam em projetos de leis viáveis para um grupo e/ou comunidade.

Ele se vale de outra técnica que pode ser utilizada pelo Serviço Social é o teatro fórum, onde o telespectador passa a ter controle sobre as decisões que podem ser tomadas. Essa

forma teatral demonstra a correlação de forças dentro da sociedade, por meio da participação da sociedade civil o assistente social pode trabalhar temas da correlação de força para seu público alvo, Martins (2009) se utiliza dessa técnica para alcançar a comunidade de Santo André/SP, com apoio da prefeitura e da sociedade civil.

A partir do teatro invisível que iguala o poder social dos envolvidos de acordo com Pagote (2014):

[...] é uma técnica de representação de cenas cotidianas, em que os espectadores são reais participantes do fato ocorrido, reagindo e opinando espontaneamente na discussão provocada pela encenação. (PAGOTE, 2014, p. 49)

Com essa técnica o assistente social poderá apontar questões a serem tratadas (de cunho social, político) pela representação. Por exemplo, um grupo de pais poder identificar-se no papel de filhos que sofrem repressões físicas ou exageradas, por meio da representação. Com esse método teatral, os telespectadores e atores serão envolvidos por práticas cotidianas que podem ser alteradas, por meio da empatia prevenindo o uso de drogas, de transmissão de DST's ou mesmo como uma forma de alcançar seus direitos sem achar que se trata de um favor.

As chamadas ações diretas (ou ações concretas) vão reproduz a força das manifestações, elas são a realização daquilo que é idealizado no teatro, a partir dessas ações o assistente social poderá medir a efetividade da técnica, sabendo se o que foi pretendido passar para o público foi, de fato, compreendido e reproduzido no seu cotidiano.

Por último, podemos ver o arco-íris do desejo que de acordo com Guimarães (2010) é “onde se estuda as técnicas introspectivas, que mostram opressões que trazemos integradas como se tivessem nascido em nossa mente; se estudam as relações sociedade-indivíduo” (GUIMARÃES, 2010, p.19). O assistente social pode, a partir do arco-íris do desejo apontar os tabus, os preconceitos da sociedade para seu público alvo e assim desconstruir questões como o machismo, a pobreza, o racismo.

Como toda árvore, esta dá frutos, que são os multiplicadores<sup>15</sup> da ação. No caso, são os agentes sociais responsáveis por propagar a técnica e democratizar a mudança que pode ser realizada a partir da percepção de autonômica construída com o método em questão. Boal se

---

<sup>15</sup> De acordo com o *site* do CTO-Rio são agentes sócio-cultural que utilizam o Teatro do Oprimido como instrumento de trabalho.

vale também de Curingas (especialistas e pesquisadores do Teatro do Oprimido que exerce função pedagógica e coordenam diálogos entre o palco e a plateia).

Colocado que Boal foi o criador do método do Teatro do Oprimido suas obras de são um guia para aplicação do método. Ao demonstrar como as variadas formas do Teatro do Oprimido podem se apresentar na realidade é necessário demonstrar que há efetividade do Teatro do Oprimido no que se diz respeito a uma mudança social, pensando neste aspecto pode-se registrar aqui o alcance do Teatro Legislativo que, no Brasil, conseguiu que 15 leis municipais e estaduais fossem aprovadas a partir da conscientização, luta de grupos (que envolvem os oprimidos) e trabalhos realizados pelo CTO do Rio de Janeiro, feitas de 1986 até o ano de 2011.

### **2.3 - Teatro do Oprimido e Serviço Social: algumas exemplificações**

Uma vez que, de acordo com Narcizo (2012), a manifestação artística tem potencial para ser pensada e utilizada, como um elemento de reforço contra-hegemônico à instrumentalidade do Serviço Social é necessário explicitá-lo a luz do Teatro do Oprimido.

Far-se-á aqui, por meio de uma ponte entre os ideais de emancipação e autonomia dos oprimidos, entre o Teatro do Oprimido e o Serviço Social. Com base em um acervo teórico já existente é possível notar que alguns assistentes sociais demonstram interesse pelo tema, e que optam por tornarem-se multiplicadores e até mesmo curingas para catalisar os objetivos profissionais.

A fim de demonstrar como isso pode ser estruturado foi necessário montar uma aproximação teórica, um desenho dos campos que podem ser encontrados assistentes sociais que se utilizam do Teatro do Oprimido como instrumental e a relação entre o instrumental e os profissionais, para tanto é essencial pontuar que dentro de um contexto repressivo e conservador, a ditadura militar, a vertente emancipatória do teatro, representado aqui pelo Teatro do Oprimido, surgiu como uma arma contra a lógica dominante e durante anos esteve em constante processo de aprimoramento e de pesquisas.

Assim como o próprio Serviço Social, que durante a ditadura começa a moldar um viés mais crítico para sua atuação, que mais tarde irá compor uma base para o Código de Ética do/a assistente social e permanece em contínuo aprimoramento para sua aplicação. Ambos adotam uma posição de superação do conservadorismo.



Ao mesmo tempo cabe explicitar a perspectiva marxista de Boal, voltada para transformação social - a partir do despertar do oprimido para o processo de dominação, com o objetivo de superar tal dominação - vislumbra-se uma ponte com o Serviço Social, que prevê como um dos princípios fundamentais do seu Código de Ética do/a assistente social (2012) a “VIII – Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação, exploração de classe, etnia e gênero” (BRASIL, 2012, p.24).

Uma vez já colocado por Conceição (2010) que as manifestações artísticas ganham significados distintos de acordo com a ideologia que carregam, é de extrema importância voltar os olhos para o caráter político do método do Teatro do Oprimido.

Boal, em *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas* (2011), enfatiza que dentro do método não pode faltar a convicção de combate aos dogmas políticos que culminam a dominação reiterando a visão emancipadora inerente ao Teatro do Oprimido. Na mesma obra, é colocado que o método por ele desenhado não é um tema de teatro, é um dever de cidadania. Sua teoria, assim, exige um posicionamento político claro. Sobre seu método, Boal (2011) pontua que:

Não podemos flutuar acima da Terra na qual vivemos, procurando cosmicamente compreender as razões de todos e procurando a todos justificar, aos que exploram e aos que são explorados, aos senhores e aos escravos.

Nossa tomada de posição teórica e nossas ações concretas devem acontecer não porque sejamos artistas, mas porque somos cidadãos. (...) (BOAL, 2011, p.29)

Tal tomada de posição teórica – com uma perspectiva crítica, voltada para minorias sociais – demonstra uma convergência quanto ao público alvo do assistente social. Pode-se observar que o método do Teatro do Oprimido compreende a visão de Scherer (2010), uma vez que o método citado constitui uma possibilidade de fortalecer processos sociais emancipatórios quando conectado a dimensão totalizante, com a perspectiva política citada, a concepção política crítica do Teatro do Oprimido proporciona ao público alvo uma perspectiva de garantia de direitos para todos que se encontram oprimidos.

Sendo assim, esse método teatral é capaz de alertar as minorias sobre direitos e torná-las capazes de reivindicar por mais direitos, além de democratizar informações e o aproximar dos princípios de Serviço Social, como pode ser visto a partir de Guidorizi (2008):

Assim como os princípios do Serviço Social, que devem garantir a defesa da democracia, a liberdade, a equidade, eliminação dos preconceitos, pluralismo das idéias, compromisso com a qualidade dos serviços prestados, e um trabalho sem discriminação, o Teatro do Oprimido em seus objetivos aproxima-se do Serviço Social, assim o Teatro do Oprimido e o Serviço Social compartilham de um projeto societário comum sendo plenamente possível trabalhar juntos para a concretização desses princípios. (GUIDORIZI, 2008, p. 58)

A partir destas breves considerações nota-se que os pontos de convergência entre a profissão e o método aqui expostos.

## **CAPÍTULO III: Articulação e análise final dos dados: O TEATRO DO OPRIMIDO NA ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL**



Disponível em: < [www .minasgerais.coop.br](http://www.minasgerais.coop.br) >. Acesso em : 14 de Junho de 2015.

## **CAPÍTULO III - O Teatro do Oprimido na atuação do assistente social**

### **3.1 - Procedimentos metodológicos**

Os dados acerca do método do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, como instrumental da profissão foram coletados a partir de uma pesquisa bibliográfica, que consistiu em uma busca virtual por acervos nacionais e internacionais capazes de retratar a utilização do método do já citado pelo assistente social brasileiro.

Tal busca contou com os seguintes acervos virtuais acadêmicos: *BDTD*, *Domínio Público*, *SciELO*, *Sciencedirect*, *Scholar Google*, *Spell e Doaj*. Assim como contou com uma longa variedade de *sites* que compõem os bancos de teses de monografias da Universidade de Brasília, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; da Universidade Federal de Minas Gerais; da Universidade de São Paulo; da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), da Universidade Federal de Goiás; da Universidade Federal do Rio de Janeiro; da Universidade Federal do Maranhão dentre outras.

Diante o vasto campo de pesquisa foram selecionadas seis palavras-chave para buscar os documentos coerentes com o objetivo do trabalho acadêmico, sendo elas: “Serviço Social”, “Boal”, “Teatro do Oprimido”, “Teatro”, “Instrumental” e “Arte”. Tais termos foram utilizados com diversas combinações, separadamente e com aspas, a fim de abarcar a maior quantidade de material acerca do instrumental escolhido com o Serviço Social. Antes de serem listados os resumos das obras acadêmicas foram lidos para averiguar a coerência dos documentos com o objetivo da pesquisa. Os dados foram organizados por ano de publicação, os mais recentes são os últimos da tabela.

Documentos que associam o método à assistência social, às Organizações não Governamentais e aos Movimentos Sociais foram explorados a fim de encontrar o Teatro do Oprimido como instrumental do assistente social, no entanto, somente aqueles que têm a relação explícita do Teatro do Oprimido com o Serviço Social foram levados em consideração. A seguir será exposta a “Tabela 1: Lista de trabalhos acadêmicos acerca do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social” (página 45), segundo ano de publicação. com os resultados da pesquisa e as considerações cabíveis, para então compor a análise sobre os limites e as possibilidades do instrumental.

### **3.2 - Dados coletados sobre a relação entre o Teatro do Oprimido e o Serviço Social**

Um dado relevante da pesquisa é a ausência de resultados em diversos *sites*, como na Biblioteca Digital de Monografias de Graduação e Especialização da Universidade de Brasília e nos *sites*: *Spell*; *Doaj*; *Sciencedirect*; *Sciello*. Fato que demonstra uma escassez de assuntos publicados acerca do assunto. Além de constatar tal escarcas sobre o tema, pode ser observada na Tabela 1 que a pesquisa bibliográfica aqui desenvolvida resultou em um total de 12 trabalhos acadêmicos, sendo: 03 dissertações de mestrado; 04 trabalhos de conclusão de curso; 01 tese de doutorado; 03 artigos; e um documento apresentado no XVIII Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial – ENAPET.

**Tabela 1:** Lista de trabalhos acadêmicos acerca do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social, segundo ano de publicação.

Nome	Local	Site	Ano	Espécie	Autor	Estado
Centro de Informação Adequado ao Estudo, Ensino e Pesquisa no Grupo Hospitalar Conceição	Fiocruz	<a href="http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/ict/3124/2/trabalho%20final%20%20eselindra.pdf">http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/ict/3124/2/trabalho%20final%20%20eselindra.pdf</a>	2005	Trabalho de Conclusão de Curso	Eselindra Nativida de da Cunha	Rio Grande do Sul
Teatro do Oprimido: um Instrumento para o Serviço Social?: Eis a questão	Unioeste	<a href="http://cac.php.unioeste.br/cursos/toledo/servico_social/arquivos/2008_fernanda_guidorizi.pdf">http://cac.php.unioeste.br/cursos/toledo/servico_social/arquivos/2008_fernanda_guidorizi.pdf</a>	2008	Trabalho de Conclusão De Curso	Fernanda Guidorizi	Paraná
Teatro do Oprimido: a Experiência de Santo André/SP	PUCSP	<a href="http://www.sapientia.pucsp.br/tde_bu_sca/arquivo.php?codarquivo=9826">http://www.sapientia.pucsp.br/tde_bu_sca/arquivo.php?codarquivo=9826</a>	2009	Tese de Doutorado	Janaína Bilate Martins	São Paulo
Deixa Que Eu Te Envolve Em Minha Arte: O Teatro como Instrumento na Prática Profissional do Assistente Social	UFF	<a href="http://recontandoconto.files.wordpress.com/2011/06/mariana-deixa-que-eu-te-envolva-em-minha-arte.pdf">recontandoconto.files.wordpress.com/2011/06/mariana-deixa-que-eu-te-envolva-em-minha-arte.pdf</a>	2010	Trabalho de Conclusão de Curso	Mariana Pessanha Guimarães	Rio de Janeiro
Abrindo as Cortinas a Arte e o Teatro no Reconhecimento de Juventudes e Direitos Humanos	PUCRS	<a href="http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5066">http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5066</a>	2010	Dissertação de Mestrado Acadêmico	Giovane Antonio Scherer	Rio Grande do Sul

Serviço Social E A Prática Escolar: um Dialogo Desenvolvido no Município de Franca- SP	SEIC	<a href="http://www.encontrodesaber.es.ufop.br/anais/exibir_trabalho/1758">www . encontrodesaber.es.ufop.br/anais/exibir_trabalho/1758</a>	2011	Artigo	Elvira Mendes Flóro/ Genaro Alvarenga Fonseca	São Paulo
Poderá o Mundo Hoje Ser Representado pelo teatro? – Algumas experiências no Brasil.	UFRJ	<a href="http://objdig.ufrj.br/30/teses/768600.pdf">http://objdig.ufrj.br/30/teses/768600.pdf</a>	2011	Dissertação de Mestrado Acadêmico	Paula dos Santos Kropf	Rio de Janeiro
Juventudes, Arte e Direitos Humanos: a Construção do Conhecimento em uma Perceptiva Emancipatória	I Colóquio Internacional Diálogos Juvenis	<a href="http://www.pucrs.br/e-dipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Service_Social/83947-GIOVANE_ANTONIO_SCHERER.pdf">http://www.pucrs.br/e-dipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Service_Social/83947-GIOVANE_ANTONIO_SCHERER.pdf</a>	2012	Artigo	Giovane Antonio Scherer/ Beatriz Gershenson Aguinisky	Rio Grande do Sul
O Teatro do Poder e o Teatro do Oprimido: Formas de Resistência e Intervenção Social em Caieiras Velhas: Aracruz, ES (2006-2011)	Maxwell	<a href="http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20477/20477_1.PDF">http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20477/20477_1.PDF</a>	2012	Dissertação de Mestrado Acadêmico	William Berger	Rio de Janeiro

Teatro do Oprimido e o Trabalho do Assistente Social com a Juventude em Situação de Vulnerabilidade Social	CRESS-MG	<a href="http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/teatro%20do%20oprimido%20e%20o%20trabalho%20do%20assistente%20social%20com%20a%20juventude%20em%20situacao%20de%20vulnerabilidade%20social.pdf">http://www.cress-mg.org.br/arquivos/simposio/teatro%20do%20oprimido%20e%20o%20trabalho%20do%20assistente%20social%20com%20a%20juventude%20em%20situacao%20de%20vulnerabilidade%20social.pdf</a>	2013	Artigo	Hérlen Francisca Romão/Vitória Régia Izaú	Minas Gerais
Teatro do Oprimido: uma Experiência de Trabalho do PET Serviço Social	UNESP	<a href="http://www.porta1pet.feis.unesp.br/media/grupos/pet-informatica-recife/atividades/xviii-enapet-recife-pe/artigos/teatro%20do%20oprimido%20-%20trabalho%20-%20enapet.pdf">http://www.porta1pet.feis.unesp.br/media/grupos/pet-informatica-recife/atividades/xviii-enapet-recife-pe/artigos/teatro%20do%20oprimido%20-%20trabalho%20-%20enapet.pdf</a>	2013	Apresentação do XVIII Encontro Nacional Dos Grupos PET – ENAPET – Recife – PE 1º A 6º De Outubro 2013 – UFPE/UFRPE	Salazar, Silvia/, Rício, Paula/Smazarro, Ellen	Espirito Santo
Denunciando Opressões e Sinalizando Direitos: a Experiência do Teatro no Trabalho do Serviço Social Junto aos Adolescentes Surdos	PUCRS	<a href="http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/19327/12290">http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/19327/12290</a>	2014	Trabalho de Conclusão de Curso	Jaqueline Pagote	Rio Grande do Sul

FONTE: Pesquisa bibliográfica descrita na metodologia

Como pode ser visto na tabela acima e a considerar a perspectiva de Santos (2006), na qual o instrumental deve conter conhecimento prático em conjunto com o conhecimento teórico, pode-se inferir que há pelo menos nove anos o Serviço Social vem se utilizando do Teatro do Oprimido como possível instrumental, considerando a amplitude temporal dos trabalhos de 2005 a 2014.



Outra peculiaridade acerca dos dados dos artigos pode ser observada por meio do “Mapa 1- Registros de estudos de obras acadêmicas encontrados do método de Boal utilizado como instrumental para o Serviço Social análise dos Estados brasileiros, segundo Estados brasileiros”, onde foi encontrado algum registro acadêmico (dentre teses, dissertações, artigos) acerca do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social, na pesquisa aqui apresentada.

Como pode ser observado no Mapa 1 e a título de ilustração, a seguir, os Estados pintados demarcam os lugares onde foi encontrado algum registro sobre a temática escolhida na pesquisa bibliográfica aqui representada pela “Tabela 1: Lista de trabalhos acadêmicos acerca do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social, segundo ano de publicação”, enquanto os Estados em branco demarcam os Estados onde não foi encontrado nenhum estudo acerca do assunto diante os filtros escolhidos previamente.

**Mapa 1:** Registros de estudos de obras acadêmicas encontrados do método de Boal utilizado como instrumental para o Serviço Social, segundo Estados brasileiros.



FONTE: Pesquisa bibliográfica

Como pode ser observada acima, a pesquisa aqui realizada demonstra que as regiões Sul e Sudeste concentram os estudos sobre o método de Boal como instrumental do Serviço

Social. Entre os 26 Estados brasileiros foram registrados apenas seis com estudos sobre o assunto. O Estado de Rio Grande do Sul ganha no quesito de concentração de material acadêmico com 04 trabalhos, Rio de Janeiro fica em segundo lugar com 03 trabalhos acadêmicos. O restante está dividido da seguinte forma: 02 trabalhos acadêmicos em São Paulo, 01 no Paraná, 01 no Espírito Santo e 01 em Minas Gerais.

Pode-se inferir que haja uma ausência de estudos que tratem especificamente do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social em determinados locais, como, por exemplo, no Distrito Federal ou em qualquer Estado da região Centro-Oeste, uma vez que buscou-se exaustivamente esses dados para que pudessem ser realizadas pesquisas sobre o tema com seus autores. Essa ausência também é notada na região Norte e Nordeste. A perspectiva de que haja poucos estudos concentrados nas regiões Sul e Sudeste alertam para necessidade maior de pesquisas e estudos sobre os temas, pois como pode ser visto em Guidorizzi (2008) o Teatro do Oprimido não tem sido utilizado por assistentes sociais exclusivamente no Sul e Sudeste brasileiro, no Nordeste e em outros países – como Lisboa – também é possível constatar as aproximações dos profissionais com estes instrumentais.

Cabe ressaltar que a pesquisa aqui realizada teve uma delimitação de tempo e forma para contemplar as exigências de um Trabalho de Conclusão de Curso, portanto, os dados podem sofrer alterações frente uma pesquisa mais longa e detalhada acerca do assunto.

### **3.4 - Análise de dados**

A considerar o pensamento de Moraes, Juncá e Santos (2010), que pontua a importância e a “(...) necessária observação dos procedimentos utilizados para (...) produção” (MORAES, JUNCÁ e SANTOS, 2010, p.438) tem-se os dados e procedimentos de coleta postos nos capítulos anteriores. A análise desses dados se dá de forma coerente com a concepção dos autores supracitados, que colocam que as análises devem ser:

“[...] devidamente sustentadas, de seus possíveis significados, no contexto de uma sociedade que tem uma história, que pulsa a cada dia para várias direções, por vezes, contraditória” (MORAES, JUNCÁ E SANTOS, 2010, p.438)

Sem ignorar a finalidade dos dados aqui apresentados - pelo contrário, a partir da leitura de todos os trabalhos listados na Tabela 1 – foram recolhidas as informações consideradas relevantes para compreensão do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social, dentre as informações destacam-se: sua funcionalidade; as áreas de

conhecimento onde o instrumental é encontrado; o público alvo das ações que envolvem e os limites e as possibilidades observados nos estudos já citados. Nos subcapítulos seguintes serão colocadas tais informações.

### **3.5 - Campos possíveis e como é utilizado**

É imprescindível desvendar os locais onde esse instrumental se encontra no fazer do assistente social. Para tanto, serão utilizados o conteúdo dos trabalhos encontrados na pesquisa bibliográfica em conjunto com seus dados, além de colocações de Neves *et al.*

Um primeiro espaço que pode ser pensado como passível de ser inserido o método do Teatro do Oprimido como instrumental, são os conselhos gestores. Como pode ser observado mais detalhadamente em Neves *et al* (2012), os assistentes sociais estiveram incumbidos da função de executor de políticas públicas como função prioritária da profissão ao longo dos anos e, recentemente, começaram a demandar e ocupar novos espaços de trabalho, como os conselhos gestores de política, o que exige do profissional a ênfase pela dimensão educativa em conjunto com a consolidação de direitos pela participação em espaços públicos.

Nesse contexto de conselhos gestores, o assistente social pode aparecer como representante da sociedade civil, o que demanda dos profissionais a sua função pedagógica e o desafio em responder às demandas populares e incentivar a participação popular garantindo a democratização do espaço, o que exige que o profissional busque novas respostas às demandas postas.

Dentre as respostas possíveis para questões, as autoras entendem que De Marco (2000) encontra a solução ao reconhecer que o desenvolvimento profissional necessita a utilização de diversas formas de linguagens, dentre as quais se encontra o teatro. O que firma os conselhos como um espaço rico de democratização capaz de aderir ao Teatro do Oprimido como instrumental.

Outro campo propício para inserção deste instrumental, expresso por Narcizo (2012), é aquele composto pelos Movimentos Sociais, a fim de sanar as demandas provindas dos movimentos e fortalecer o processo de construção, autonomia e resistência dos movimentos sociais, para assim propiciar ao sujeito “reconhecer-se como sujeito coletivo” (NARCIZO, 2012, p.5), onde o método de Boal é reconhecido como um “elemento de esforço contra hegemônico à instrumentalidade da profissão, no fortalecimento dos movimentos sociais, no

sentido de afirmar o Projeto Ético-Político da profissão”. Seguindo a mesma lógica, é possível encontrar artigos e outros trabalhos<sup>16</sup> que articulem movimentos sociais (como o Movimento dos Trabalhadores sem Terra, o Movimento Feminista, Movimento Feminista negro) ao Teatro do Oprimido.

Além de conselhos e Movimentos Sociais, foi possível encontrar trabalhos acadêmicos que ressaltam o aspecto pedagógico emancipador do Serviço Social e que é articulado com o Teatro do Oprimido na Educação e na Saúde.

O primeiro campo envolve o campo socioeducativo. Na Educação, pode-se citar o trabalho de Izaú e Romão (2013) como revelador da necessidade de se quebrar com o conservadorismo profissional em *prol* da liberdade, cidadania e emancipação dos sujeitos, o mesmo trabalho e ressalta que o método do teatrólogo (Augusto Boal) é capaz de proporcionar o alcance desses objetivos pela democratização e pela capacidade de propiciar ao público alvo uma autoconsciência.

Para Izaú e Romão (2013) trata-se de uma maneira de intervir na realidade social e no processo de formação humana. Voltado para os jovens, o Teatro do Oprimido forma a resistência, o caráter contestador e alimenta a luta por justiça social.

Com relação ao campo da saúde, especificamente na Saúde Mental, encontram-se registros<sup>17</sup>, do corpo de assistente social se utilizando de técnicas do Teatro do Oprimido para que o público alvo alcance a autonomia e crie um reconhecimento social.

No trabalho de Guidorizzi (2008) é identificado ainda uma parcela de assistentes sociais que usam o instrumental em empresas e em Organizações não-governamentais, para além do campo da saúde. Durante a análise de dados da pesquisa bibliográfica aqui realizada este tema volta a ser explorado, com base nos estudos encontrados, demonstrando por onde os estudos acerca dos assuntos se estendem e detalhando melhor os dados fornecidos por Guidorizzi (2008).

---

<sup>16</sup> Como o artigo :“Teatro e Reforma Agrária: a inserção do Teatro do Oprimido no MST”, disponível no site: <http://www.reformaagrariaemdados.org.br>; o artigo “Violência contra a mulher e teatro do oprimido: um diálogo inicial” disponível no site: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/80/231>; e o trabalho feito pelo movimento feminista negro, exposto no site: <http://tomulheresnegras.blogspot.com.br/p/o-que-e-teatro-do-oprimid.html>.

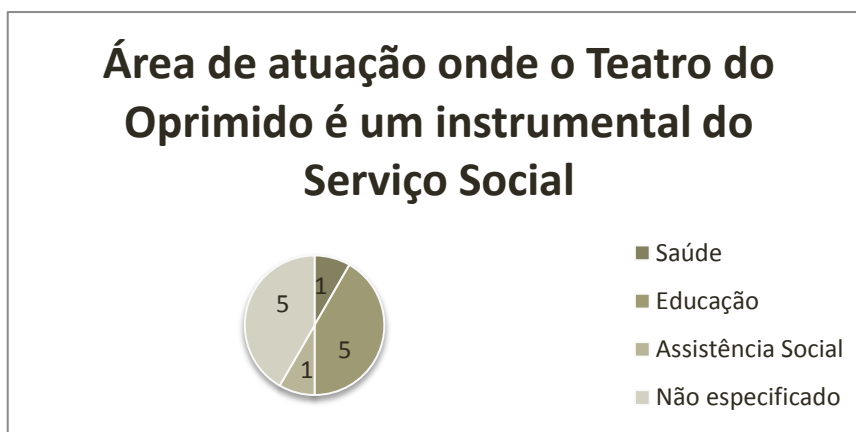
<sup>17</sup> Disponível em:< <http://ctorio.org.br/> >. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.

Dessa maneira infere-se que existem diversos espaços sócio-ocupacionais - que estão em constante alteração - para o assistente social. De acordo com Yamamoto (2009), estes espaços têm raízes em processos sociais historicamente datados, a autora coloca que tais campos de atuação vêm:

[...] expressando tanto a dinâmica da acumulação, sob a prevalência de interesses rentistas, quanto a composição do poder político e a correlação de forças no seu âmbito, capturando os Estados Nacionais, com resultados regressivos no âmbito da conquista e usufruto dos direitos para o universo dos trabalhadores. (IAMAMOTO, 2009, p. 343)

Dentre estas áreas de trabalho encontram-se a Saúde, Educação, Previdência, Assistência Social em meio a outros lugares de atuação do assistente social. Diante tal variedade, cabe saber em quais locais o Teatro do Oprimido aparece como instrumental para a profissão, de acordo com a leitura dos textos mapeados na coleta de dados. A pesquisa bibliográfica representada pela Tabela 1 (encontrada na página 45) registrou as seguintes áreas: a Saúde, a Educação e a Assistência Social, como pode ser notado no Gráfico 1.

**Gráfico 1:** Utilização do Teatro do Oprimido como instrumental do Serviço Social segundo o espaço sócio-ocupacional.



FONTE: Pesquisa bibliográfica

O mapeamento sobre as áreas de atuação onde se encontram o Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social com base na amostra dos 12 artigos discutidos anteriormente e analisadas as áreas identificadas, a Educação compõe o palco principal do instrumental aqui estudado, enquanto a Saúde e a Assistência Social empatam com apenas um estudo sobre o tema.

É importante notar que o conteúdo dos documentos acadêmicos listados podem se distinguir da realidade encontrada por meio da Tabela 1. Nota-se, por exemplo, que Guidorizzi (2008) apresenta em seu trabalho, por meio de um questionário apresentado a seis profissionais distintos, que a maioria dos profissionais<sup>18</sup> concentra-se na área da Saúde e não da Educação. Além disso, a mesma autora apresenta duas outras áreas de atuação que não possuem estudos específicos aqui listados: as Organizações não - Governamentais (OnG's) e empresas. Essa distinção e ampliação dos dados pela análise das obras contidas na “Tabela 1: Lista de trabalhos acadêmicos acerca do Teatro do Oprimido como instrumental para o Serviço Social, segundo ano de publicação” é importante por demonstrar uma possível alteração no campo onde se insere o Teatro do Oprimido no Serviço Social, campos possíveis de se encontrar o Teatro do Oprimido combinado com a prática do Serviço Social.

Como já foi colocado, Augusto Boal formulou o método do Teatro do Oprimido para os oprimidos, para todos que se encontram na situação de opressão dado um contexto sócio-histórico (sejam trabalhadores, negros, mulheres, indígenas, jovens infratores), no entanto, diante a variedade de palcos apresentada pela pesquisa e pelo público vasto do Serviço Social cabe expor qual o público alvo abarcado pelo instrumental do Serviço Social aqui estudado a partir da leitura dos dados selecionados na pesquisa bibliográfica.

De acordo com Fernanda Guidorizzi (2008), o método do Teatro do Oprimido já tem sido utilizado por assistentes sociais para atender comunidades, para “promover a participação popular, a integração entre as pessoas (...)” (GUIDORIZZI, 2008, p. 56), além de trabalhar temas específicos que podem surgir ao longo da atuação do assistente social. De acordo com a autora, a função do método do Teatro do Oprimido ganha força para estreitar a relação entre usuários e técnicos, além de possuir uma boa aceitação com o público e com as equipes multidisciplinares que a aderem.

Dentre o público alvo que se pode aplicar a metodologia de Boal como instrumento do Serviço Social tem-se as crianças e adolescentes, pois de acordo com Izaú e Romão (2013), as incumbências do Serviço Social previstas legalmente pela proteção ao Estatuto da Criança e do Adolescente, tem de forma salientada a possibilidade de articular o teatro (entre outras expressões artísticas) ao caráter pedagógico do serviço social. Para as referidas autoras:

---

<sup>18</sup> Dentre os profissionais entrevistados pela autora, por meio do questionário citado.

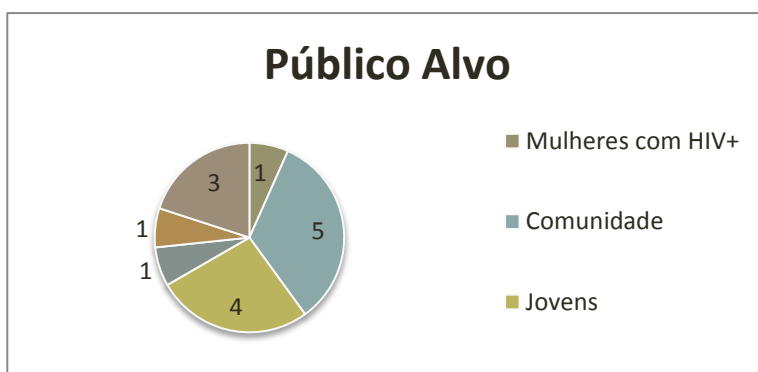
[...] o Teatro do oprimido, que tem por finalidade geral o Favorecimento dos processos de transformação e de empoderamento da identidade pessoal e de transformação e empoderamento do papel do sujeito na sociedade, elucida enigmas das relações e experiências individuais e de grupos, redescobrimo uma dimensão integrada de corpo, imaginação, emoções e pensamentos na formação de um personagem que compõe a sociedade [...] (ROMÃO e IZAÚ, 2013, p. 12)

Sendo assim, as autoras enfatizam que para além de iniciar um contato com os usuários, a abordagem é capaz de potencializar a formação de um sujeito crítico, compor uma reconhecida mediadora para o processo emancipatório pelo caráter político e ideológico que possui, além de despertar uma consciência social. Ainda pontuam que tal instrumento pode ser utilizado para trabalhar com mulheres, idosos e qualquer público que o Serviço Social possa ter.

É posto pelas autoras acima descritas que Teatro do Oprimido ganha um papel de catalizador dos objetivos dos técnicos, no entanto, para analisar os limites e as possibilidades desse instrumental é preciso desenvolver uma metodologia própria para a área do Serviço Social

De acordo com o Gráfico 2, o público alvo estudado mantém o leque abrangente. Pelo o que pode ser observado, há uma clara predominância do instrumental sendo utilizado para atuação do assistente social em comunidades. A utilização do instrumental com este público é encontrado em 5 trabalhos, seguido por 4 trabalhos onde o público é composto por jovens.

**Gráfico 2:** Relação do público alvo das atuação do assistente social a partir do Teatro do Oprimido



FONTE: Pesquisa bibliográfica

O Gráfico 2 é compatível com os conteúdos encontrados nos artigos listados, como exposto acima. Como pode ser observado no “Gráfico 2: Relação do público alvo das atuação do assistente social a partir do Teatro do Oprimido” seus dados vão ao encontro com o que é posto por Izaú e Romão (2013), onde o teatro: “envolve todo o tipo de pessoa (homem, mulher, criança, idoso, saudável, ou pessoas em tratamento de saúde, etc.)” (IZAÚ e ROMÃO, 2013, p.14).

Sem ignorar a relevância dos dados, é necessário compreender que a amplitude de público alvo é apenas um dos muitos fatores que influenciam o alcance do instrumental. Outro fator essencial para a aplicação do método de Boal na profissão se dá a partir da resposta do público. É necessário saber sobre a aceitação que o Teatro do Oprimido terá para este público. Na pesquisa bibliográfica realizada não foram registrados relatos de rejeição do público alvo, a título de complementação da análise, observa-se que Guidorizzi (2008) constata em seu trabalho a mesma tendência, coloca que a aceitação do Teatro do Oprimido é sempre boa e que a aproximação entre o público alvo com os técnicos se torna maior e facilita a solução dos problemas do público alvo, para autora:

A aceitação do público é sempre boa em relação ao Teatro do Oprimido, pois sai da ‘mesmice’. Os encontros ficam mais descontraídos, torna o trabalho mais prazeroso para os dois lados. A aproximação com os técnicos é bem maior facilitando a solução dos problemas da comunidade ou do grupo com o qual se está trabalhando. (GUIDORIZZI, 2008, p.54)

Trata-se de um fator de extrema importância, uma vez que a aceitação do público é essencial para compor a aproximação com técnicos e, também, para a solução dos problemas da comunidade ou do grupo onde o instrumental é usado, para Guimarães (2010), a boa aceitação do público alvo é um dos fatores que colaboram para a quebra de silêncio dos usuários que estão em alguma situação de vulnerabilidade.

Consoante à afirmação de Iamamoto (2009), na qual os novos contornos do mercado profissional geram requisições e demandas profissionais que levam a novas habilidades, competências, atribuições e capacitação acadêmica buscou-se mapear a variedade de público alvo e espaços tomados por assistentes sociais que se utilizam do Teatro do Oprimido como instrumental para a profissão já apresentados. Os dados analisados tendem a demonstrar que o Teatro do Oprimido poderá se configurar em uma nova habilidade instrumental, capaz de responder uma ou mais demandas nas áreas de saúde, educação, assistência social ou qualquer outra área apresentada para a profissão.



### 3.6 - Análise sobre limites e possibilidades do uso do teatro a partir da análise dos dados bibliográficos

Uma vez apresentadas a variedade do público alvo, a importância que essa abrangência significa para o fazer do assistente social, tal como a diversidade e da área de atuação, onde se encontram os assistentes sociais que se utilizam o instrumental aqui trabalhado, deve-se entender como este instrumental está articulado a profissão e como ele pode responder as demandas profissionais ou não. Para tanto, é necessário esquematizar o alcance das ações no cotidiano profissional, o que foi feito a partir da estruturação de uma pequena tabela com os limites e possibilidades com maior visibilidade. Tudo mapeado dos artigos selecionados depois de exaustiva leitura.

**Tabela 2:** Lista de limites e possibilidades encontrados ao longo da pesquisa bibliográfica

Limites	Possibilidades
Depende da aceitação da equipe multidisciplinar	Fortalecer redes de solidariedade
Não há questionamento do modo de produção capitalista	Emancipar os sujeitos
Não fortalece a articulação de redes institucionais	Promover participação popular
Precisa de conhecimento técnico direcionado, específico e cauteloso	Facilitar o contato inicial com o público alvo
Depende da aceitação do público alvo	Democratizar direitos e informações
	Facilitar o alcance dos objetivos profissionais previamente traçados
	Proporcionar ampliação dos debates propostos pelo assistente social
	Oportunizar diálogos de temas (como violência, sexualidade, racismo, família)
	Trabalhar a consciência crítica do público alvo

FONTE: Pesquisa bibliográfica

O teatro não possui uma fórmula pronta para sua aplicação, como colocado por Guimarães (2010), isso estimula a autonomia e criatividade do assistente social e coloca o Teatro do Oprimido como um instrumental maleável aos objetivos idealizados. Assim, como pode ser observado acima, o método de Boal, aqui trabalhado, permite diversas impressões de acordo com as experiências vivenciadas, que demonstram variedade de limites e possibilidades do Teatro do Oprimido.

Entre as impressões listadas encontram-se as críticas de Martins (2009), em *“Teatro do Oprimido: a experiência de Santo André/SP”*, onde o instrumental aparece com uma falta de perspectiva de lutas de classe. De acordo com o autor, o instrumental não configurou – no grupo estudado - uma forma de fortalecer a articulação entre movimentos sociais, sindicatos, associações de trabalhadores ou coletivos de resistência; é ineficiente na conscientização sobre o modo de produção capitalista e não pressupõe classe social.

Contudo, não seria coerente considerar todas as críticas como verdades, posto que Izaú e Romão (2013) notam exatamente o contrário de Martins (2009) quando se trata da perspectiva de luta de classes, encontra no Teatro do Oprimido uma forma mediadora na construção de um processo emancipatório que gera e estimula debates sobre a ordem burguesa posta, capaz de reconhecer a diferença de classes e como uma clara arma de resistência que expressa conteúdo político, ideológico e social.

Guidorizzi (2008) identifica outro desafio para sua utilização, a aceitação da equipe multidisciplinar, a autora identificou uma boa aceitação das equipes técnicas, contudo ressalta a importância da aceitação equipe de técnicos para desenvolver o trabalho – que pode ser realizado individualmente. Apenas Martins (2009) e Guidorizzi (2008) apontaram os limites deste instrumental.

Como já colocado, a percepção sobre o instrumental varia de acordo com a experiência dos autores, no entanto, mesmo com as diferentes percepções há pontos de convergência quanto às impressões deixadas pelo instrumental. Como principais pontos em comum entre os trabalhos, registra-se que: 08 autores consideram o instrumental capaz de formar sujeitos críticos, 07 o considera um facilitador de debates, 06 autores encontram no Teatro do Oprimido uma maneira de auxiliar a autonomia dos sujeitos.

Dentre as impressões passadas pelos trabalhos pesquisados constatam-se as aproximações teóricas entre o método de Boal e o Serviço Social, já citadas no Capítulo II,

subtítulo 2.3 “Teatro do Oprimido e Serviço Social: algumas exemplificações”. Por meio da pesquisa bibliográfica, é possível observar como o Teatro do Oprimido se encaixa na realidade do assistente social e se converte em um instrumental riquíssimo capaz de auxiliar na construção de espaços democráticos, como pode ser observado no trecho do trabalho de Guidorizzi (2008):

[...] apesar de existir poucas experiências que relacionam o Teatro do Oprimido com a prática profissional, este pode sim ser um instrumento facilitador para a intervenção do Serviço Social na construção de espaços participativos e também como forma alternativa de interagir com o público alvo das políticas públicas. (GUIDORIZZI, 2008, p.61)

Dentre as observações que podem ser feitas, tem-se o duplo movimento que, segundo Cunha (2005), compõem um momento de ensinamento e prática deste ensinamento, onde o público alvo romperá com os preconceitos e aprenderá com o convívio e experiências de outros usuários, criando um movimento de ensinamento e aprendizagem constante.

Berger (2012) explicita uma constante nos trabalhos observados, o instrumental capaz de tornar o atendimento mais dialogal e menos impositivo, o que estimula a participação dos sujeitos e propicia uma vivência cultural. Outros autores encontram na vivência cultural e no atendimento mais dialogal uma ponte para tratar de temas polêmicos para sociedade, para quebrar preconceitos, incentivar críticas, vocalizar demandas e abordar assuntos políticos e sociais. Para Kropf (2011) a ponte feita para trabalhar um conteúdo político e social é intrínseco à cultura, uma vez que ela é um fator inseparável da sociedade.

Na área da Educação, espaço ocupacional dominante na pesquisa realizada, é notado que o Teatro do Oprimido aparece como aparato construtor de uma consciência crítica e social e de acordo com Izaú e Romão (2013) neste campo o instrumental aparece como mediadora na construção de um processo emancipatório que gera um espaço para reflexão acerca da sociedade. Na experiência de Pagote (2014) o instrumental é usado para atender um grupo de jovens com deficiência auditiva, tal experiência demonstra que o método de Boal é altamente inclusivo, capaz de fortalecer vínculos, apoiar a defesa de direitos, o acesso à informação e é uma forma de suporte para construção da cidadania e da participação social. Além disso, Pagote (2014) pontua que o instrumental proporciona a construção coletiva de soluções para as demandas do público alvo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho é colocada a importância histórica do movimento de Reconceituação do Serviço Social para tratar do Teatro do Oprimido como possível instrumental do Serviço Social, uma vez que, como colocado no Capítulo I, é com este movimento que o assistente social passa a adotar uma perspectiva marxista e se posicionar criticamente frente a questão social e também como consequência desta transição Santos (2006) aponta para uma lacuna na formação do profissional acerca dos instrumentais e técnicas a serem utilizados pelo assistente social, uma vez que de acordo com a autora, a perspectiva marxista não trouxe um arsenal pronto de instrumentos e técnicas para profissão.

É a partir do entendimento de Santos (2006) de que se precisa explorar academicamente o campo dos instrumentais e diante a necessidade já observada no campo de estágio e reafirmada por diversos autores durante o Trabalho de Conclusão de Curso da adoção de meios criativos para responder as demandas profissionais que a arte aparece como possível instrumental. Defendida por autores como Conceição (2010), Scherer (2010) e Narciso (2012) as manifestações artísticas mais variadas enchem os olhos de diversos assistentes sociais, entendidas como possíveis a partir do momento em que o profissional consegue adequá-las e direcioná-las para contemplar os princípios e os objetivos do Serviço Social previstos no Código de Ética que baliza a profissão.

O teatro surge dentro da concepção de manifestações artísticas possíveis uma vez que seu direcionamento pode ser alterado de acordo com a perspectiva de quem dele se utiliza. Cabe colocar que essa capacidade de mudar de acordo com a ideologia de quem o aplica aproxima o teatro como um todo da profissão. No entanto, é na especificidade do Teatro do Oprimido (criado por Augusto Boal) que se encontram as similaridades ideológicas políticas e sociais com o Serviço Social. Como a perspectiva marxista de aplicação, a luta contra a ordem de dominação presente na sociedade, a tomada de posição crítica, a construção de autonomia de sujeitos, a defesa da liberdade, da democratização de informações e direitos.

Assim, os autores da pesquisa bibliográfica que aplicam e estudam o Teatro do Oprimido levam em conta que o Teatro do Oprimido é capaz de ser articulado com a profissão no sentido de preservar e alcançar os princípios profissionais, como o de liberdade apresentado como valor ético central, a equidade e a justiça social, o movimento de ir contra

as formas de preconceito, do processo de construção de uma nova ordem societária sem dominação, a procura preservar o pluralismo de ideias, garantir a democracia.

No que diz respeito a problemática aqui levantada sobre quais os limites e possibilidades do Teatro do Oprimido para o Serviço Social, pode-se dizer foi respondida dentro das limitações teóricas e práticas existentes para confecção de trabalho monográfico. E que para uma resposta mais abrangente e detalhada seria necessário um aprofundamento e quiçá um estudo vivencial (a partir de um estudo de grupo) a partir da aplicação do Método de Boal realizada por um assistente social.

É necessário pontuar que a pesquisa e análise de dados aqui realizada não busca apresentar o questionamento sobre aplicabilidade ou não do Teatro do Oprimido para profissão tanto menos esgotar as possibilidades e limitações deste instrumental (que vem sendo utilizado profissionalmente). Apenas apresenta um pontapé inicial para necessidade de estudar o instrumental que já é utilizado por assistentes sociais, bem como seus limites e possibilidades de forma aprofundada.

Cabe registrar que foi constada uma dificuldade para recolher os dados que formam a pesquisa bibliográfica aqui apresentada, tendo em vista os poucos estudos encontrados. Tendo em vista o pouco material capaz de relacionar o Teatro do Oprimido com o Serviço Social, acredito ter contemplado os limites e possibilidades relatados pelos 12 autores sobre o tema. Mesmo que exista a convicção que há muitas particularidades sobre os limites e possibilidades do Teatro do Oprimido que não foram colocados pelos autores e que poderiam vir a tona com um trabalho acadêmico que contemplasse o tempo e a vivência de um público atendido por assistentes sociais que se utilizam deste instrumental.

## **BIBLIOGRAFIA**

AMORIM, Ricardo G. **O Serviço Social e os seus instrumentos e técnicas: Uma análise da percepção da Abordagem com Grupo no meio profissional do assistente social.** Brasília, 2013.

ARÊAS, Vilma. **A comédia no romantismo brasileiro: Martins Pena e Joaquim Manuel de Macedo.** Disponível em: <  
[BOAL, Augusto. \(1931\). \*\*A estética do oprimido.\*\* Rio de Janeiro: Garamond, 2009.](http://lv6kh8zs9x.search.serialssolutions.com/?ctx_ver=Z39.88-2004&ctx_enc=info%3Aofi%2Fenc%3AUTF-8&rft_id=info:sid/summon.serialssolutions.com&rft_val_fmt=info:ofi/fmt:kev:mtx:journal&rft.genre=article&rft.atitle=A+com%C3%A9dia+no+romantismo+brasileiro%3A+Martins+Pena+e+Joaquim+Manuel+de+Macedo&rft.jtitle=Novos+Estudos+Cebrap&rft.au=Vilma+Ar%C3%AAas&rft.date=2006-11-01&rft.pub=Centro+Brasileiro+de+An%C3%A1lise+e+Planejamento&rft.issn=0101-3300&rft.spage=197&rft.epage=217&rft_id=info:doi/10.1590%2FS0101-33002006000300010&rft.externalDBID=DOA&rft.externalDocID=oai_doaj_org_article_d5c9968e594d45f186c3ea9c0b83bd66&paramdict=en-US >. Acesso em: 2 de janeiro de 2015.</p></div><div data-bbox=)

BOAL, Augusto (1998) **Jogos para Atores e não atores,** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

BOAL, Augusto. (1980). **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 11<sup>o</sup> ed. 2011.

BRASIL, **Código de Ética do/a assistente social.** Lei 8.662/93 de regulamentação da profissão – 10<sup>a</sup> ed. Revisada e atual. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social, 2012.

BUCHER, J. S. N. F. (2003). **Psicologia da saúde no contexto da saúde pública: uma complexidade crescente.** In O. H. Yamamoto & V. V. Gouveia (Orgs.), *Construindo a psicologia brasileira: desafios da ciência e prática psicológica* (pp.213-239).São Paulo: Casa do Psicólogo.

CFESS, Parâmetros para Atuação de Assistentes Sociais na Política de Assistência Social, 2011. Disponível em < [http://www.cfess.org.br/arquivos/Cartilha\\_CFESS\\_Final\\_Grafica.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/Cartilha_CFESS_Final_Grafica.pdf)> Acesso em: 30 de dezembro de 2014.

CFESS, Resolução nº 569/2010, de 25 de Março de 2010. Dispõe sobre a Vedação da realização de terapias associadas ao título e/ou ao exercício profissional do assistente social. Disponível em: < [http://cfess.org.br/arquivos/RES.CFESS\\_569-2010.pdf](http://cfess.org.br/arquivos/RES.CFESS_569-2010.pdf)> . Acesso em: 20 de novembro de 2014.

CONCEIÇÃO, Débora Guimarães da. **O Serviço Social e prática pedagógica: a arte como instrumento de intervenção social.** In: Serv. Soc. Rev., Londrina, V. 12, N.2, P. 51-67, JAN./JUN. 2010. Disponível em:< <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7542/6830>>. Acesso em: 30 de Dezembro de 2014.

DE MARCO, P. de S. **Orçamento participativo: lócus do fazer político-pedagógico.** In: CFESS-ABEPSS. Captação em Serviço Social e política social: o trabalho do assistente social e as políticas sociais, módulo 4. Brasília: CEAD,2000

GUERRA, Yolanda, **A instrumentalidade no trabalho do assistente social.** In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social.** CEFESS/ABEPSS – UnB,2000.

GUIDORIZZI, Fernanda. **TEATRO DO OPRIMIDO: UM INSTRUMENTO PARA O SERVIÇO SOCIAL? EIS A QUESTÃO.** Toledo, 2008. Disponível em: [http://cac-php.unioeste.br/cursos/toledo/servico\\_social/arquivos/2008\\_fernanda\\_guidorizi.pdf](http://cac-php.unioeste.br/cursos/toledo/servico_social/arquivos/2008_fernanda_guidorizi.pdf) . Acesso em: 30 de Outubro de 2014.

IAMAMOTO, M.V. **Os espaços sócio-ocupacionais do assistente social.** In: CFESS-ABEPSS. Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Unidade IV: O significado do trabalho do assistente social nos distintos espaços sócio-ocupacionais. Brasília: Cfess/Abepss, 2009, p. 341-376.

IZAÚ, Vitória Régia; ROMÃO, Hérlen Francisca, **Teatro do Oprimido e o Trabalho do Assistente Social com a Juventude em Situação de Vulnerabilidade Social.** 2013. Disponível em: < <http://www.cress->

mg.org.br/arquivos/simposio/TEATRO%20DO%20OPRIMIDO%20E%20O%20TRABALHO%20DO%20ASSISTENTE%20SOCIAL%20COM%20A%20JUVENTUDE%20EM%20SITUA%C3%87%C3%83O%20DE%20VULNERABILIDADE%20SOCIAL.pdf >. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.

LO BIANCO A., *et al* (1994). **Concepções e atividades emergentes na psicologia clínica: implicações para a formação.** In: Conselho Federal de Psicologia. Psicólogo brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação (2a ed., pp. 7-79). São Paulo: Casa do Psicólogo.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Coleção Temas Sociais. Petrópolis, RJ. Ed. 29. Vozes, 2004.

MORAES, Carlos A. de S; JUNCÁ, Denise, C. de M; SANTOS, Katarine de S. **Para quem, para quem, como?** Alguns desafios do cotidiano da pesquisa em serviço social. In: Serv. Soc. São Paulo, n. 103, p. 433-452, jul/set. 2010.

NARCIZO, Elaine Cristina, **Serviço Social, movimentos sociais e arte: uma proposta para afirmação do projeto ético-político da profissão.** In: VIII Seminário de Saúde do Trabalhador (em continuidade ao VII Seminário de Saúde do Trabalhador de Franca) e VI Seminário “O Trabalhador em Debate”, UNESP/UPS/STICF/CNTI/UFSC, UNESP – Franca/SP, 2012. Disponível em: <[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000112012000100012&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000112012000100012&script=sci_arttext)>. Acesso em: 21 de novembro de 2014.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social.** São Paulo: Cortez Editora, 2005.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao Estudo do Método de Marx.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

NEVES, Angela Vieira; SANTOS Cláudia de Oliveira Vicente; SILVA, Suellem Henriques da. **Conselhos Municipais de Assistência Social: novas competências para o trabalho do assistente social.** R.Katál., Florianópolis, v. 15 n. 2, p. 173-181, jul/dez. 2012.

PEIXOTO, M. I. H. **Arte e grande público: a distância a ser extinta.** São Paulo: Autores Associados, 2003.



- PEREZ, Célia Fernandes V. **A chama em meu peito ainda queima, saiba! Saiba nada foi em vão...** In: CEFESS. Seminário nacional: 30 anos do Congresso da Virada / Conselho Federal de Serviço Social. – Brasília : CFESS, 2012. Disponível em: <<http://www.cfess.org.br/arquivos/SEM30ANOSDAVIRADACFESSsite.pdf>>. Acesso em 02 de Janeiro de 2015.
- SANTOS, Cláudia Mônica dos. **Os instrumentos e técnicas: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil.** Rio de Janeiro: URFJ,2006.
- SGARBIEIRO, Márcia. **O Teatro Como Meio Para a Reflexão em Projetos Sociais: uma Análise da Oficina de Teatro do Cepas.** 2008. Disponível em: <[http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/479/ARTIGO\\_TeatroComoMeio.pdf?sequence=1](http://ri.uepg.br:8080/riuepg/bitstream/handle/123456789/479/ARTIGO_TeatroComoMeio.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 02 de Janeiro de 2015.
- SCHERER, Giovane Antonio, **Abrindo as cortinas: A Arte e o Teatro no Reconhecimento de Direitos Humanos da Juventude.** In: V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação – PUCRS, 2010. Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V\\_MOSTRA\\_PDF/Servico\\_Social/83947-GIOVANE\\_ANTONIO\\_SCHERER.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/Vmostra/V_MOSTRA_PDF/Servico_Social/83947-GIOVANE_ANTONIO_SCHERER.pdf)>. Acesso em: 21 de novembro de 2014.